

ILUSTRAÇÃO

N.º 255 — 11.º ano



DELÍCIAS DO VERÃO

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica**, é guia, é conselheiro indispensável para esse efeito. Nesta obra incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre**, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; enfim esclarece uma infinidade de casos em que a afiliação e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a toda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA

EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na ausência do médico por e não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência, ou na sua falta, como no interior e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA** nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

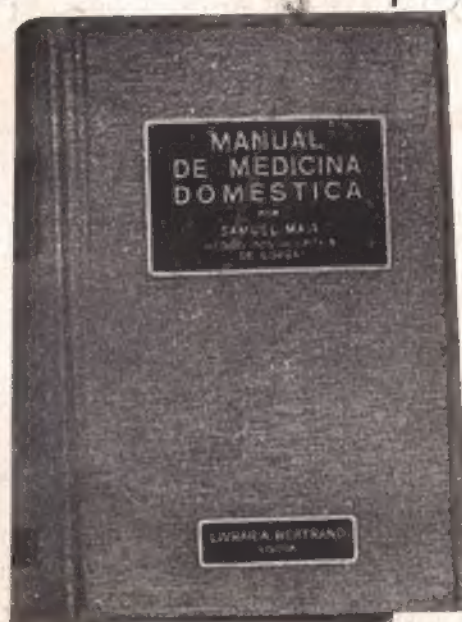
Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina

Esc. 35\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75

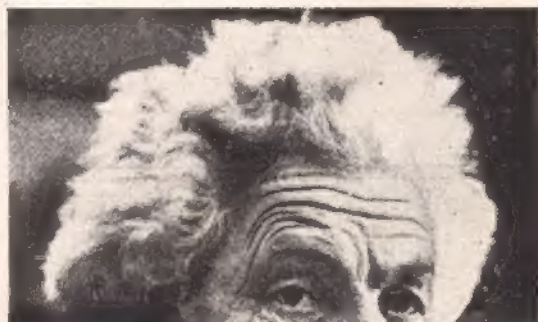


**SENSACIONAIS REVELAÇÕES CIENTÍFICAS
RESULTANTES DE PROFUNDAS
INVESTIGAÇÕES**

Estudos sobre Quirologia, Metoposcopia e Astrologia

Segundo os métodos modernos do Prof. FANNY LORAINÉ

Curiosas divulgações sobre o Destino. A vida do homem está escrita nas linhas da mão, definida pelas rugas da testa e regulada pelas influências astrais



A quirologia é uma ciência, e como todas as ciências, está baseada em verdades positivas, lições da experiência e que portanto, por serem demonstráveis, são indiscutíveis.

Conhecimento dos caracteres dos homens por meio dos vários sinais da testa. As sete linhas da fronte.

As raízes da Astrologia. A lua nos signos do zodíaco.

Nesta interessantíssima obra qualquer pessoa encontra nas suas páginas o passado, o presente e o futuro.

1 vol. broc. de 186 págs., com 8 gravuras em papel couché e 21 no texto, **Eco. 10\$00**, pelo correio à cobrança, **Eco. 12\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73 — Lisboa

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL, — Rua da Alegria, 30 — Lisboa

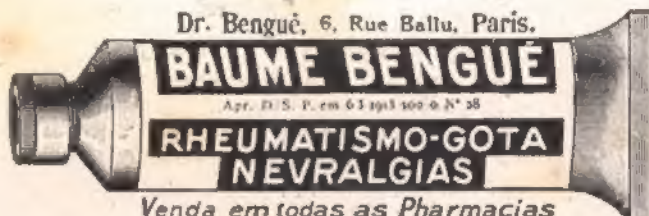
Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Brasil	—	67\$00	134\$00
(Registada)	—	91\$00	182\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	99\$00	198\$00

Administração — Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Dr. Benguê, 6, Rue Ballu, Paris.



Venda em todas as Pharmacias

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dores com o

ESPECIFICO BÉJEAN



O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

**GOTA, SCIÁTICA
e REUMATISMOS**

Agudos ou Chronicos

e todas as dores de origem artritica

Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

À venda em todas as Pharmacias

Prodotto BÉJEAN - Paris

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — **DIPLOMAS DE HONRA** na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GÊNEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

LOURA OU MORENA?

Como se pode ter, agora, uma
pele de brancura deslumbrante...
e sem a menor mancha!



Eis um meio fácil e seguro para uma morena ter uma bonita pele branca e limpa e para uma loura preservar a sua delicada pele das sardas, das rugosidades e de outras imperfeições. Quando o jasmim e a rosa deram ao perfumista a essência do seu perfume, ficou uma linda cera untuosa que, durante muito tempo se julgou sem importância. Visitando um laboratório de destilação de perfumes, um especialista de beleza parisiense, bem conhecido, ficou impressionado com a extraordinária brancura-leitosa do rosto e das mãos das mulheres que mexiam nessa cera residual. Então, descobriu-se que ela não só branqueava a pele, como também suprimia o excesso de pigmentação, fazendo assim desaparecer o aspecto terrroso ao rosto, as sardas e as imperfeições que se manifestam na

cara. Combinada com outros ingredientes preciosos que embelezam o rosto, pode-se obtê-la agora em todas as perfumarias e boas casas do ramo, sob o nome de «Cire Aseptine».

Não encontrando escreva à
AGÊNCIA ASEPTINE
88, Rua da Assunção-LISBOA
que atende na volta do correio.

Compre um tubo, hoje mesmo, e consinta que lhe torne a pele clara, fresca e rosada. Um bom êxito é assegurado, porque, em caso contrário restituir-lhe-íamos o dinheiro que gastou.

COLECCÃO FAMILIAR **P. B.**

Esta coleção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluídas somente obras que, embora se esliciem na fantasia e despertem pelo entrecho romântico sugestivo interesse, ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma, de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espirito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, alaviado-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãe de família, educadora de filhos e exercício de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

M. MARYAN

Caminhos da vida
Em volta dum testamento
Pequena rainha
Divida de honra
Casa de família
Entre espinhos e flores
A estátua velada
O grito da consciência
Romance duma herdeira
Pedras vivas
A pupila do coronel
O segredo de um berço
A vila das pombas
O calvário de uma mulher
O anjo do lar
A força do Destino
Batalhas do Amor

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias

Cada vol. cartonado ... Esc. 8\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Acaba de sair a 10.^a edição da novela

DOIDA DE AMOR

DE ANTERO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

1 volume brochado Esc. 12\$00

Pelo correio, à cobrança, Esc. 13\$50

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett 75 — LISBOA

A LIVRARIA BERTRAND, EDITOU:

POLÍTICA

PELO DR. RIBEIRO LOPES

Prefácio do Prof. MANUEL RODRIGUES

1 vol. com 216 págs., broch. Esc. 10\$00

Pelo correio à cobrança Esc. 12\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ACABA DE SAIR

a 5.^a edição, 8.^o milhar

CÓMICOS

POR ANTERO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

1 vol. de 252 págs., broch. 12\$00

Pelo correio à cobrança 14\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ACABA DE SAIR

a 5.^a edição, 7.^o milhar

Recordações e Viagens

POR ANTERO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

1 vol. de 320 págs., broch. 12\$00

Pelo correio à cobrança 14\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

SAMUEL MAIA

Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃES O MEU MENINO

Como o hei-de gerar,
criar e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado, encad., 17\$00; broch., 12\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**, 73, R. Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

a 3.^a edição, corrigida, de

O Romance de Amadis

reconstituído por Afonso Lopes Vieira

1 volume de 230 páginas, ilustrado, brochado 15\$00

Pelo correio, à cobrança 16\$50

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

SAGRES

**COMPANHIA DE SEGUROS
LUSO-BRASILEIRA**

Séde: Rua do Ouro, 191
LISBOA

TELEFONES : 2 4171 - 2 4172 - P. X. B.

CAPITAL REALIZADO 2.500.000\$00

**Seguros de vida em todas
as modalidades**

O FUTURO DOS FILHOS E DA FAMILIA
— A GARANTIA NA VELHICE —

CONSULTEM A SAGRES

INCENDIO
MARITIMOS
AUTOMOVEIS E POSTAES



Aspecto do edificio na Rua do Ouro em Lisboa pertencente à Companhia, onde estão instalados os seus escritorios

ESTÁ À VENDA A

7.^a EDIÇÃO — 11.^o milhar

LEONOR TELES

“FLOR DE ALTURA”

POR ANTERO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

1 vol. de 334 págs., broc. Esc. 12\$00

Pelo correio à cobrança Esc. 14\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ACABA DE SAIR

o 5.^o volume

CAMÕES LÍRICO

(CANÇÕES)

PELO DR. AGOSTINHO DE CAMPOS

Este volume completa a obra Camões Lírico, da Antologia Portuguesa

1 vol de 320 págs. broch. 12\$00

Pelo correio à cobrança 14\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

Um livro do grande escritor Aquilino Ribeiro

Quando ao gavião cai a pena

1 vol. de 272 págs. Esc. 12\$00; pelo correio à cobrança Esc. 13\$50

Pedidos aos Editores **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73 — LISBOA



O FLIT MATA OS PERCEVEJOS IMEDIATAMENTE!



Nem sempre é fácil livrar a vossa casa destes nojentos insectos; mas o FLIT consegue fazê-lo, porque é um poderoso insecticida. Usando FLIT a vossa casa fica de uma maneira económica livre destes insectos. O jacto do FLIT não mancha e mata moscas, mosquitos, traças, etc. Exija a lata amarela selada com a gravura do soldado e lista preta.



Polvilha com PÓ FLIT todas as fendas do chão, e assim matará todos os vermes.

FLIT — o insecticida que mata sempre!

Prémio Ricardo Malheiro

MIRADOURO

TIPOS E CASOS

POR ANTERO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS:

O capote do Sr. «Mariquinhas» — Apêgo à Dôr — Dr. Mendes «Gira» — Feira de Ano — Lúcia — Um sobretudo de respeito! — A paz do Lar — Uma espada... embainhada! — O Barboza de Sejins — O Morgado de Sabariz.

1 vol. de 320 págs., broch. . . 12\$00 enc. . . 17\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ANTOLOGIA PORTUGUESA

ORGANIZADA PELO

Dr. Agostinho de Campos

Sócio Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa

Volumes publicados:

Afonso Lopes Vieira, um volume. — Alexandre Her-
culano, um volume. — Antero de Figueiredo, um volume.
— Augusto Gil, um volume. — Camões lírico, cinco
volumes. — Eça de Queirós, dois volumes. — Fernão
Lopes, três volumes. — Frei Luís de Sousa, um volume. —
Guerra Junqueiro, verso e prosa, um volume. — João de
Barros, um volume. — Lucena, dois volumes. — Manuel
Bernardes, dois volumes. — Paladinos da linguagem, três
volumes. — Trancoso, um volume.

Cada volume brochado. 12\$00

Cada volume encadernado. . . . 17\$00

Pedidos à **Livraria Bertrand**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



*Um único tubo
de Cafiaspirina*

na sua farmácia caseira significa que um medicamento de propriedades únicas está sempre ao seu dispor e de todos os seus, para atalhar múltiplos sofrimentos. Sejam — dores de cabeça, de dentes, de ouvidos, etc., — a Cafiaspirina traz alívio imediato. Peça sempre bem claramente "Cafiaspirina", com a cruz Bayer na embalagem e em cada comprimido



Cafiaspirina

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa
Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

Queridos leitores da "Ilustração".

ESCREVO dum lindo recanto minhoto, cheio de vida, de sol e de cor, onde vim procurar o tão justo quão reduzido repouso, ao cabo de um ano inteiro de extenuante labuta.

É certo que não tenho aqui o bulício estonteante de Biarritz, do Lido, ou de qualquer outra praia chic em que cada um dos banhistas elegantes trabalha mais num dia, em mudanças de toilette e em danças constantes para distrair senhoras, do que sete galegos na descarga de vinte vagões de azeitona, mas também não vim até este refúgio para me preocupar com coisa alguma.

Se não me rodeiam as tais comodidades de Ostende, também não me apoquentam as actuais atrapalhadas de San Sebastian.

Tenho a paz deliciosa de que os meus nervos encrespados tanto careciam. E isto me basta.

Ontem cometi uma falta, uma grave falta de que me arrependo sinceramente, sob a solene promessa de não tornar a cair noutra enquanto esta me lembrar.

Calculem que, vivendo numa pacatez virgiliana, dei-me ao luxo de descer a uma cidade que dista destes sitios uns trinta quilómetros bem medidos.

Porque fiz eu aquilo? Sei lá! Sei apenas que me deu na telha ir à cidade, como se não estivesse saturado de cidadades até à ponta dos cabelos...

Uma vez ali, começo a ouvir o ronar enervante dos automóveis, a berraria da T. S. F. que veio vingar cruelmente as grosserias que tantas vezes dirigimos às dengosas meninas que tocavam piano, e os alto-falantes dando notícias apavoradoras do que se passava por esse mundo inteiro.

Empurrado por uma multidão de curiosos que me impedia a fuga, tive de ouvir contar, com mil e um pormenores que se contraditavam, a angustiada situação da vizinha Espanha; as já tradicionais convulsões chinesas que o Japão regula, consoante lhe convém; as já crónicas agitações na Palestina em que os árabes pretendem levar a melhor sobre os judeus, perseguindo-os com mais dureza do que os cristãos de outras eras; a resistência que os abexins estão ruminando

CRÓNICA DA QUINZENA

contra o invasor da sua terra, e que, mais dia menos dia, deve dar de si.

Mas quem me mandaria meter naquêles apêrtos?

Logo que apanhei uma aberta, larguei a fugir, e fui entrincheirar-me num café pacato, a fim de poder limpar mais à vontade o suor que me encharcava.

Nisto, um individuo que eu não conhecia, largando o jornal que estava lendo, disparou-me este desabafo:

— Então a Alemanha lá violou outra vez o Tratado?

— Não faço a mais pequena ideia — limitei-me a responder com a maior indiferença.

— Pois vem aqui — insistiu êle estendendo-me a gazeta — veja aí na parte que fala de Dantzig.

— Não posso lêr — desculpei-me — deixei os óculos em casa.

O homenzinho calou-se. Daquêlê estava eu livre... Pelo menos, assim o pensei. E, saboreando uma cerveja morna como caldo que um criado mais morno ainda me trouxera, voltei a pensar na paz deliciosa daquêlê recanto donde nunca deveria ter saído.

Em dado momento, o importuno, que voltara a absorver-se na leitura do jornal, saíu-se com esta:

— É horrível o que se passa em Espanha, não acha?

Francamente aquêlê miserável estava a abusar de mim, ou então era tão estúpido que não compreendia a minha esquivia em dar-lhe trêla.

E daí — quem sabe? — talvez fôsse um pobre homem que, confrangido com os males alheios, dêsse largas à sua indignação, aproveitando o primeiro mortal que estivesse disposto a aturá-lo.

— Bombardiar assim uma cidade, onde se abrigam velhos, mulheres e crianças, é bárbaro, não acha?

— Não, senhor, não acho — ripostei com bem fingida firmeza, na intenção de o disfrutar.

— Que horror, Santo Deus! — gemia o homenzinho — canhões assestados contra uma povoação, vomitando granadas, sobre granadas... Pois não acha isto horrível?!

— Não, senhor. Acho até que tudo isso tem uma música encantadora.

— Essa agora! O senhor não está bom da cabeça!

— Estou, não se assuste... É que eu já estive em Espanha numa ocasião de revolta. Quando um canhão disparava uma granada sobre qualquer ponto, ouvia-o nitidamente cantar numa toada plangente:

Adiós, Granada! Granada mia!

O homenzinho não quis ouvir mais, e saiu como uma bala, sem ao menos se despedir, como qualquer canhão, por mais grosseiro que fôsse, teria feito.

Era o momento próprio. Acabava de chegar a camioneta que me havia de reconduzir ao lindo recanto minhoto donde tão imprudentemente saíra para visitar a cidade.

Agora, que me encontro novamente sossegado e cada vez mais firme no cumprimento da solene promessa que fiz, aconselho os meus queridos leitores a que façam o mesmo, fazendo votos porque tenham umas férias tão férias como as minhas.

Ir ao estrangeiro para quê? As nossas praias são mais belas do que as mais famosas lá de fóra. Se lhes falta o bulício rugidor das grandes capitais, é justamente por isso que são próprias para cura de repouso. Basta que o mar com a sua orquestração majestosa nos delicie os ouvidos e vivifique os nossos pulmões comibalidos com as lufadas de iodo.

Ir ao estrangeiro para quê? Se todo o mundo se encontra agitado, não será melhor repousar neste querido e sossegado Portugal, que é, como disse o Poeta, "um lindo jardim da Europa à beira mar plantado"?

At.º V.ºº e muito grato,
Sergio de Montemor.

O FIM HORROROSO DE CALVO SOTELO



SACRIFICADO a uma sanha política inconcebível tombou o ilustre estadista espanhol Calvo Sotelo que um grupo de guardas de assalto, chefiado por um tenente, prendeu em sua casa e matou a tiro e à baionetada no caminho para um cemitério de Madrid. As nossas gravuras representam o fogueiro deputado da «Renovação Espanhola» em três fases dos seus discursos de propaganda. A' esquerda a bandeira dos Tradicionalistas Espanhóis



Calvo Sotelo, ao abandonar a pasta da Fazenda que sobragou na situação Primo de Rivera, tendo a seu lado o seu sucessor, Conde de Los Andes. A' direita: a filha de Calvo Sotelo, saindo da igreja de S. Domingos, onde se realizou uma missa de «Requiem» sufragando a alma do malogrado estadista espanhol. No rosto desta jovem espelha-se ainda nitidamente o horror por esse crime espantoso que a precipitou na mais pungente orfandade.



As exéquias na igreja de S. Domingos sufragando a alma de Calvo Sotelo. A' direita: Os funerais do caudilho da Renovação Espanhola atravessando uma das ruas de Madrid. A gravura patenteia bem a imponência do cortejo que, sendo uma manifestação de saudade, constituiu também um enérgico protesto contra o revoltante atentado. Os ideais não morrem ante a violência dos assassinos, antes se revigoram no sangue dos seus mártires.

A TRÁGICA MORTE DO GENERAL SANJURJO



O general Sanjurjo no seu gabinete de trabalho em que tanto meditou para alcançar a redenção da sua Pátria. A' esquerda: o aviador Ansaldo após o desastre em que o glorioso pacificador do Rif morreu a vida



Os restos fumegantes da avião em que o heroico cabo de guerra espanhol encontrou a morte quando levantava vôo da Marinha de Cascais



As exéquias na igreja do Estoril por alma do general Sanjurjo que uma fatalidade irreparável impedia de derramar mais uma vez o seu sangue pela Pátria no angustioso momento em que ela mais carecia do seu valioso auxílio



A velar o cadáver do heroico general, apresentaram-se manobras espanholas que, numa impressionante manifestação do seu patriotismo, sabendo cumprir o que seu glorioso chefe lhes recomendara, e há de continuar a recomendar-lhes do Além-Túmulo



Dois aspectos do imponente cortejo fúnebre para o cemitério do Estoril, onde ficarão depositados os restos mortais do general Sanjurjo. Pela sua grandiosidade, vê-se a profunda simpatia que os portugueses tinham por este herói espanhol. Quando ele, iludido a vigilância das autoridades portuguesas, procurava levantar vôo para o local do perigo que ameaçava a sua Pátria, devia levar saudades destes carinhosas paragens do Estoril!

Manuel Pinheiro Chagas e a sua estátua

FALOU-SE há tempos em retirar da Avenida da Liberdade a estátua que um grupo de amigos e admiradores de Manuel Pinheiro Chagas fizera erguer à memória do grande escritor, numa tão sincera quão espontânea homenagem.

Mas porque havia de sair dali o monumento ao autor da "Morgadinha de Valflôr"?

Felizmente, esta ideia não passou de um simples boato, engendrado talvez pela visinhança do "Discóbulo," que, como se sabe, foi mostrar as suas habilidades para outro sítio, havendo até quem afirmasse que aproveitou a oportunidade para concorrer aos Jogos Olímpicos de Berlim.

Quanto ao nosso Pinheiro Chagas não lhe tocam agora, pelo menos.

Pinheiro Chagas bem mereceu a homenagem que lhe tributaram. O povo aprendeu a conhecê-lo e a venerá-lo. Nesse tempo saudável em que o romantismo se encontrava em plena florescência; em que Camilo Castelo Branco tomava o primeiro lugar na feitura do romance nacional, em que Rebelo da Silva punha nas suas telas o esplendor de tintas de Theophile Gauthier; em que Júlio César Machado brincava com a austeridade da língua portuguesa, nas graças parisienses dos seus folhetins, surgiu Manuel Pinheiro Chagas que, facilmente suggestionável como todos os novos, se

entregou de alma e coração à escola romântica.

Um crítico, referindo-se a Pinheiro Chagas, afirmou que "a adoração d'este escritor por Octave Feuillet era tal que, durante longos anos, procurou imitá-lo o mais possível." E acrescentava que "no teatro, a "Morgadinha de Valflôr," poderia dizer-se colaborada, a meias, por Feuillet e Chagas, consistindo justamente o elogio de Chagas em não ficar inferior a Feuillet."

Salientava ainda que "quando Pinheiro Chagas perdeu de vista Feuillet no teatro, e trabalhou por conta própria, a sua obra, menos apaixonada, menos quente, começou a empalidecer, e nenhuma das outras suas peças, incluindo a última, já escrita com a morte no coração, teve o favor público que a "Morgadinha" conquistou. A "Lição cruel," limitou-se a um "sucesso de estima", de consideração e respeito pelo escritor que, já mortalmente ferido por uma doença terrível, queria ainda acabar trabalhando."

Se a obra de Pinheiro Chagas não foi mais cuidada é porque, à semelhança do colosso de Seide, tinha de conquistar um salário para atender às inadiáveis urgências do seu lar, onde pipilavam sete filhos.

Que melhor definição querem que a de Castilho, ao aludir a Pinheiro Chagas: "Este escritor é obrigado a frigar todos os dias os miolos para dar de almoçar à família?"

O povo habituou-se a ler a obra vastíssima d'este escritor, e preferiu-o aos mais empolados estilistas, porque o compreendia melhor.

A ideia do levantamento da estátua ao autor das "Tristezas à beira-mar," partiu de José de Melo, então director da *Mala*



da Europa e, O monumento a Pinheiro Chagas que, com Pinheiro Chagas, fundára o *Correio da Manhã*, em pleno Chiado.

José de Melo não podia esquecer-se da boa camaradagem que sempre mantivera com o escritor. E, assim, surgiu a iniciativa da subscrição que, aberta nas colunas da *Mala da Europa*, foi logo acolhida com o maior entusiasmo.

Foi David de Melo o encarregado de escolher o escultor para realizar o monumento, que deveria ficar a cargo de Costa Mota, Tio. José de Melo confiava nos merecimentos do filho, já então um pintor de raro mérito.

Quando Costa Mota apresentou a *maquette*, David de Melo aprovou-a sem a menor hesitação, visto que, toda esculpida em mármore, a estátua resultaria formosíssima. Mas, como Costa Mota tivesse uma fundição, aproveitou a oportunidade para a divulgar, apresentando a figura da "Morgadinha" em bronze.

E, num momento em que se impõe, mais que nunca, o estudo da História Pátria, honrem a memória d'esse português ilustre que tanto se empenhou em esclarecer o espírito do nosso povo.

Manuel Pinheiro Chagas



Festas em Cascais

() comandante do «Pedro Nunes», junto do Chefe do Estado e do ministro da Marinha, agradecendo a pasta oferecida pelas Juntas de Freguesia de Cascais. *Em baixo*, o sr. Presidente da República assistindo às regatas. Um aspecto dos barcos de pesca passando em continência: junto do «Pedro Nunes». *À esquerda*, o navio escola «Sagres». *Em baixo*, o Chefe do Estado cumprimentando o presidente das Juntas de Freguesia de Cascais. *Continência*: a bandeira oferecida ao «Pedro Nunes» pelas Juntas de Freguesia.





Às quatro horas de tarde de hoje, no Estádio Monumental de Berlim, perante cem mil espectadores vindos dos mais diversos pontos do mundo, e na frente de dois mil atletas seleccionados em 37 nações dos cinco continentes, o chanceler Hitler procederá à abertura solemne dos jogos da XI Olimpíada moderna.

Não é exagero afirmar que, neste momento, as atenções do Universo inteiro convergem para o maior acontecimento desportivo do ano; a formidável organização alemã, os progressos técnicos dos campeões nestes últimos tempos, a própria necessidade social de desviar o interesse para assuntos menos tenebrosos do que as habituais preocupações da política internacional, asseguram aos jogos de Berlim um êxito sem precedentes.

A renovação contemporânea do Olimpismo, gerada no cérebro do pedagogo insigne que é o barão Pierre de Coubertin, deve ser considerada essencialmente uma obra de paz e de aproximação entre os povos. Se os resultados práticos não corresponderem aos propósitos da iniciativa, porque há erros da humanidade impossíveis de corrigir, é, no entanto, justo reconhecer à organização olímpica um prestígio incontestável e uma influência decisiva na propaganda do desporto.

A campanha do barão de Coubertin teve como finalidade inicial a transformação dos processos educativos da mocidade no seu país, influenciado pelos novos métodos do padre Tomás Arnold no colégio inglês de Rugby.

A pedagogia arnoldiana, pretendendo criar em Inglaterra gerações mais conscientes dos seus deveres e dos seus direitos, tinha o desporto por engrenagem central; entusiasmado pelos seus preceitos, Pierre de Coubertin empreendeu divulgá-los, convicto de que se tratava de

verdades universais e não de aplicação restrita a determinado povo ou raça

"Quando o 'Comité para a Propaganda dos Exercícios Físicos', — escreveu este autor, — reuniu pela primeira vez em Paris no dia 1 de Junho de 1888, presidido por Jules Simon, tinha em vista uma reforma pedagógica determinada. Reconhecendo que nos princípios sobre os quais Arnold assentara a sua reforma e baseara o seu sistema, nada havia de exclusivamente anglo-saxão, os fundadores do Comité visavam introduzir esses princípios em França, adaptando-os à mentalidade e às instituições nacionais. Tentavam assim transformar a educação e revigorizar a França, poucos foram aqueles dispostos a apoiar de início semelhante ambição, mas, em contra partida, insurgiram-se contra ela todos aqueles que sentiam lesados os seus interesses ou cujos hábitos eram transbordados pelo novo estado de coisas.

Sem desânimo às primeiras dificuldades, Coubertin prosseguiu na sua campanha e, alargando cada vez os horizontes do empreendimento, sentiu que a forma eficazmente decisiva de o popularizar era

internacionalizá-lo, propondo num discurso pronunciado em 25 de Novembro de 1892 o restabelecimento dos Jogos Olímpicos.

Esta primeira sugestão não encontrou eco favorável porque o meio não estava preparado

para a compreender. O infatigável propagandista continuou com a mesma fé e sen apostolado, e, dois anos mais tarde, o triunfo veio compensar tamanha persistência.

A União das Sociedades Francêsas de Desportos Atléticos convocou, em 1894, em Paris, um congresso internacional desportivo para a renovação dos Jogos Olímpicos, e no dia 23 de Junho, em sessão plenária efectuada na Sorbonne, foi aprovado por unanimidade o projecto e criado o Comité Olímpico Internacional para organização dos primeiros jogos em Atenas, em 1896, a sua presidência foi confiada ao barão de Coubertin.

"E' vulgar supôr-se, — diz este num dos seus livros, — que os Jogos Olímpicos tiveram como principal resultado a criação do internacionalismo desportivo. A hipótese não é exacta porque os encontros internacionais ter-se-iam multiplicado de toda a maneira, perante a necessidade de enulação proveniente do progresso dos desportos. O neo-olimpismo teve sobretudo a virtude de provocar a concentração desportiva, obrigando os adeptos de modalidades que haviam vivido estranhos e até hostis, a trabalhar em comum.

Não se imagina hoje o que eram, há quarenta e cinco anos, a mentalidade e o espírito de inimizade recíproca no mundo dos dirigentes desportivos. Aos preconceitos de casta adicionava-se a desconfiança técnica proveniente da suposição de que a prática dum desporto prejudicava o aperfeiçoamento muscular para outra modalidade. Foi o contacto frequente pela necessidade duma preparação comum para o mesmo objectivo que foi deslizando atritos e estabelecendo melhor compreensão pelo mais perfeito conhecimento mútuo.

E o artigo termina afirmando a vantagem das competições, com uma frase que concretiza perfeitamente a finalidade do desporto e explica também a razão dos preciosos resultados da renovação dos Jogos Olímpicos mundiais: "Para que cem indivíduos se consagrem á cultura física, é preciso que cinquenta pratiquem desporto, e vinte se especialisem; para vinte se especialisem é preciso que cinco consigam obter marcas extraordinárias. Não ha que sair disto, é uma cadeia de lógica indestrutível.



Um grupo do V. U. S. A. em 1912, recordando uma corrida pedestre

A QUINZENESPORATIVA

gem das competições, com uma frase que concretiza perfeitamente a finalidade do desporto e explica também a razão dos preciosos resultados da renovação dos Jogos Olímpicos mundiais: "Para que cem indivíduos se consagrem á cultura física, é preciso que cinquenta pratiquem desporto, e vinte se especialisem; para vinte se especialisem é preciso que cinco consigam obter marcas extraordinárias. Não ha que sair disto, é uma cadeia de lógica indestrutível.

O estatuto olímpico, pelo qual se regem os jogos nas suas manifestações quadrienais, estabelece taxativamente que só os amadores podem inscrever-se para as diversas provas do programa.

Os amadores participantes nos jogos devem satisfazer pelo menos, diz a lei olímpica, as duas condições seguintes: 1.º — não podem exercer ou ter exercido o profissionalismo no desporto para o qual são inscritos, 2.º — não podem ter recebido quaisquer indemnizações em dinheiro para compensar salários perdidos.

Esta é a grande mentira olímpica, aquela que mais afecta a elevação moral do seu prestígio, os homens que, na cerimónia inaugural, prestam por sua honra o juramento de respeito ás leis olímpicas, são na grande maioria perjuros conscientes, como perjuros são os dirigentes que se responsabilizaram á fé da sua assinatura, pelo amorismo dos primeiros.

Nos desportos populares, os campeões de classe excepcional são todos profissionais encobertos, o amator autêntico é tão raro como a serpente do mar. Os



membros do Comité Internacional sabem-no com certeza, porque vivem em contacto com o mundo e o facto é do domínio público, persistem, no entanto, para não destruir tradições, na conservação dum protocolo que é atentatório das leis sagradas de lealdade e cavalheirismo que regem as práticas do desporto.

Os primeiros jogos modernos celebraram-se em Atenas, em 1896. As dificuldades a vencer foram consideráveis, sobretudo pela animosidade manifestada por certos políticos gregos preponderantes, mas a iniciativa venceu apesar de tudo, tendo sido o príncipe herdeiro Jorge um dos mais entusiásticos influentes.

A subscrição pública aberta na Grécia rendeu, em menos de dois meses a quantia de 30 000 drámas e um riquíssimo comerciante da Alexandria ofereceu um milhão para reconstruir o estádio, que foi edificado todo em mármore branco, ostentando a forma duma ferradura, e com capacidade para 8000 pessoas.

Os gregos deram aos jogos um cerimonial espectacular, que deturpou um pouco o ambiente duma re-

constituição que devia ser piedosamente respeitada.

A 2.ª Olimpíada organizou os seus jogos em Paris, em 1900, por ocasião da Exposição Universal que os promotores pensavam contribuisse para o êxito do torneio sucedeu, porém, exactamente o contrário, e os jogos passaram despercebidos, prejudicados, ainda pela organização descuidada do Comité. Entre vários incidentes desagradáveis, foi muito comentada a situação embaraçosa em que se encontrou a equipa alemã à sua chegada a Paris, sem alojamento reservado porque o Comité se esqueceu dela.

Os jogos de 1904 foram concedidos aos Estados Unidos, que os realizou na cidade de S. Luiz.

Em 1906 efectuaram-se novamente em Atenas uns jogos extraordinários, promovidos pela Grécia que aspirava conseguir o exclusivo das manifestações olímpicas.

A quarta edição oficial dos jogos teve lugar em Londres em 1908, e marca a primeira organização desportivamente perfeita. Sucessivamente, Estocolmo em 1912, Antuérpia em 1920, Paris em 1924, Amsterdão em 1928, Los Angeles em 1932 e, agora, Berlim, tem servido de cenário a grandiosas demonstrações olímpicas, cujo interesse crescente tem sido a melhor afirmação do progresso e da expansão do desporto mundial.

Os portugueses têm participado nos jogos desde 1912, alcançando em esgrima e no hipismo, algumas classificações brilhantes. Esperemos confiadamente que, durante a quinzena hoje iniciada, os seleccionados de Portugal honrem as cores do seu País e correspondam ás esperanças que lhe foram confiadas pelos dirigentes e pela opinião pública nacional.



Uma orquestra em uma das festas que se realizam no Estádio de Berlim, antes da abertura dos jogos.

Antes de abrir o V. U. S. A. em 1912, recordando uma corrida pedestre

QUANDO pelo mundo se exhibe, em espetáculos deslumbrantes de coragem e fôrça, o nosso adorável inimigo—o homem—fica-se amanchucado perante tanta audácia e valentia.

Os outros homens, fantoches de salão ou pulidores de calçadas, invejam êsses seus semelhantes, julgando-os mais poderosos, maiores conquistadores do outro sexo chamado fraco, e

quereriam ser assim musculosos, assim enérgicos, para poderem dominar a fêmea completamente, prendê-la nos elos de ferro dos seus braços, e escravizar-lhe a alma com o fluido avassalador do seu olhar carregado de mil cadeias que dificilmente afrouxam os seus anéis, quando se enroscam na presa cubiçada.

E como êles, os invejosos duma fôrça tôda aparência, se enganam nos seus juízos sobre os seus parceiros que ganham a vida num estendal forçado de arrancos musculares e fluidos magnéticos...

E' preciso não esquecer Sansão, o gigante que derrubou mil filisteus com a queixada dum burro e deitou abaixo as colunas do templo a que o sujeitaram com pesadas correntes.

Forte ou fraco no seu exterior, espadaúdo, barbudo cabeludo, frágil, careca ou glabro, o homem—o nosso rico homem, rico de astúcia e de manha—é sempre o mesmo boneco de cordelinhos nas mãos da mulher, e não resiste mais um do que o outro, a não ser que o mais fraco se agüente mais tempo na trincheira, bombardeado pelos requebros femininos. "Grande náu, grande tormenta, — quanto mais fôrça, maior é a derrota e mais visível. Janotinhas do Chiado, quando virdes ali no Coliseu, que é o mostruário famoso de tôdas as habilidades e extravagâncias que assoberbam o gênero humano e espadanam sobre os animais inferiores, quando ali virdes o atleta erguendo pesos fantásticos como quem brinca com plumas, o ginasta desafiando a ave, saltando de trapésio em trapésio, rápido e leve, o motociclista, rindo do perigo na curva da morte, não os invejeis.

Eles, no fundo, padecem da mesma fraqueza que vos arraza perante uns olhos

brilhantes de promessas de amor ou uma boca talhada em arco, ao serviço do próprio Cupido.

Não esqueçam Sansão, rapazes.

Vocês viram êsse fascinador de feras —

A fôrça dêles... é a nossa fôrça...

o Blacaman — que durante um mês fez cócegas na espinha do lisboeta pacato? Quantas vezes vocês disseram com os seus botões: — Este tipo é que há-de saber levá-las, é que há-de prendê-las ao seu olhar como faz ao crocodilo ou ao leão!

Um engano. Esse homem, que tanto se compraz no convívio das feras, que as morde e beija com ternura de amante, e que logo as sova com o pé ou com o chicote, êsse, é também o mesmo pobre diabo, como vocês, nas mãos duma mulher.

Os seus dentes cinzentos — os seus den-

Pobre dele! Quando quer apanhá-las, são elas que o prendem; quando as frita, quem cai em sono hipnótico é êle — o mesmo fantoche, o mesmo boneco que vocês, rapazinhos franzinos, amaneirados.

E ainda bem. Os homens cumprem o seu destino, quando submetem a sua fôrça à debilidade da mulher.

Os outros — os que desdenham da mulher ou querem fazer dela sua escrava, êsses estão fóra da lei da vida

Lembrem-se de Sansão, rapazes. Mais dia, menos dia, aparecem as tesouras de Dalila...

Não, rapazes, não invejem os fortes. A sua fôrça é simplesmente aparente. É fogo de palha que arde a um simples olhar de mulher.

Vocês homens são todos iguais, se são homens dignos dessa designação.

Ser fraco assim é uma honra, um atestado de masculinidade.

Nunca se envergonhem dessa fraqueza que lhes vem do império da mulher.

E cantem dentro de alma as recordações de seus amores, quando avançarem na vida entre risos e prantos, como o divinal poeta canta suas conquistas e ponham como êle sempre mais alto o último amor que se arvora senhor em vosso peito. Ponham os olhos em Olavo Bilac, forte de talento, forte de vontade na luta pela vida com os homens e contra a adversidade, mas débil em face

da mulher, sua eterna musa, sua eterna paixão:

*Todas, formosas como tu, chegaram,
Partiram... e, ao partir, dentro em meu seio
Todo o veneno da paixão deixaram.*

*Mas, ah! nenhuma teve o teu encanto,
Nem teve olhar como êsse olhar, tão cheio
De luz tão viva, que abraçasse tanto!*

Deixem-se de vaidades, não queiram dar-se ares de valentes, não queiram contrariar os seus olhos que desejam rever-se contentes nuns olhos que ha muito os trazem doidos de amar só para que não os alcunham de fracos de sentimentais.

Mercedes Blasco.



tes fortes que êle cobriu de platina, para os reforçar ainda e poder cravá-los na pele dos leões — não metem medo a nenhuma filha de Eva, por mais pequenina e frágil que ela pareça.

Quando elas se enroscam no seu desejo, como as serpentes que êle dependura ao pescoço quais monstruosos colares, não é com a mesma facilidade que êle se liberta destas que pode safar-se dos laços feminis.

Talvez vocês pensem que é com essa mesma ferocidade que êsse homem — leão se atira à mulher para domá-la ou hipnotisá-la com os seus olhos de cintilações metálicas.

ENCONTRO num livro de Henri Heine, chegado de França e remetido por um amigo de infância, uma quadra, que resume no seu conteúdo espiritual e humano, todo o meu drama. Há muito tempo que a minha sensibilidade e o meu desejo, a inquietação que caracteriza a minha vida mental, tinham descoberto este poeta, nascido na Alemanha, e criado na França, vítima da sua origem judaica, cuja tragédia é um exemplo, e cuja obra vive palpitante, ainda, dezenas de anos após a sua morte.

Na vida de Henri Heine, sub-consciente e misteriosa, existe um traço que a aproxima da minha, desmantelada por inesperado vendaval, por completo naufrágio de sonhos, quando a manhã era mais clara e o azul do céu mais tranqüilo e azul. Na minha vida e na de Heine, o maior dos poetas do novecentos judaico, e o maior da Alemanha novecentista, existe, acutilante e destruidor, o problema da morte, o mais profundo e invencível de todos os problemas que afligem a humanidade consciente. Eu sei que, para quasi todos, a morte é um incidente, fixado com indiferente tranqüillidade, aquela tranqüillidade com que a humanidade, em pleno século vinte, frita os problemas mais variados e complexos. A morte é para quasi todos, ou para todos, o fim legal, ou mais claramente, a meta fatal para aqueles que a vida ceifa nesta ou naquel'outra idade.

Os que labutam todos os dias, entretidos com as horas, átomos da avalanche, comparsas do drama comum, vivem acima do problema, ou não cuidam dele por ausência de compreensão ou exaltação emotiva. São poucos os que neste século, caminheiro e veloz, param um instante, desejosos de se interrogarem, ou necessitados de balanciar a própria existência. O drama do quotidiano substituiu em parte, ou no todo, o drama do consciente. A mecânica da vida de hoje, tendo por horizonte a moral do post-guerra, distanciou os homens, esfacelou as cadeias da afectividade individual, criando neles uma outra expressão

de affectividade, mais extensa, e possivelmente mais humana, a da grei, na qual a primeira não pesa qualificativamente. Pensamento de um, quando não reverta a favor do comum — e o pensamento exacto é a mais alta expressão da affecti-

vidade — não interessa, ou é fôlha morta, arrastada pelo vento no seio da floresta viçosa e exuberante.

O desprendimento do próprio arrastou, nesta época em que tudo se reduz à prática discussão do bi-metalismo, o pro-

a noite à procura do mistério, idêntico ao da sombra e ao da própria noite. Revolvo o húmus, e as minhas mãos, enquanto o pensamento se contorce, procuram balda-damente palpar a dúvida, sentir o infinito. Não cuido saber de que lado está a ver-

dade, ou para que lado ela se inclina, quando a tormenta é maior dentro de mim, e o vendaval sopra, agreste

e violento, anunciando o fim do mundo, do mundo dos meus sonhos. Para quê?

Aconselho os que não sofrem, os que ainda não foram tocados pela asa da morte, a não bolir no problema. Não toquem na dúvida. Caminhem na vida humilhando-se e vencendo, como aquele pobre violonista da *Morte do Palhaço*, de Raul Brandão; como aquele pobre farrapo humano, moído de inveja, que atapeta a vida com a lama da sua alma, que a sua sensibilidade gera indefinidamente.

Não toquem!

Para quê ter piedade, fixar as coisas com ternura, parar junto dos que sofrem, limpar-lhes as feridas, incutir-lhes esperança, ou acalantar o fogo no brazeiro coberto de cinzas? O que se torna necessário, o que faz bem, o que nos consola, é não tocar na lama, passar de lado, enquanto os outros tombam irremediavelmente, pobres gafos, isentos de beleza, habituados a confundir o sonho com a loucura, e o bem com o mal.

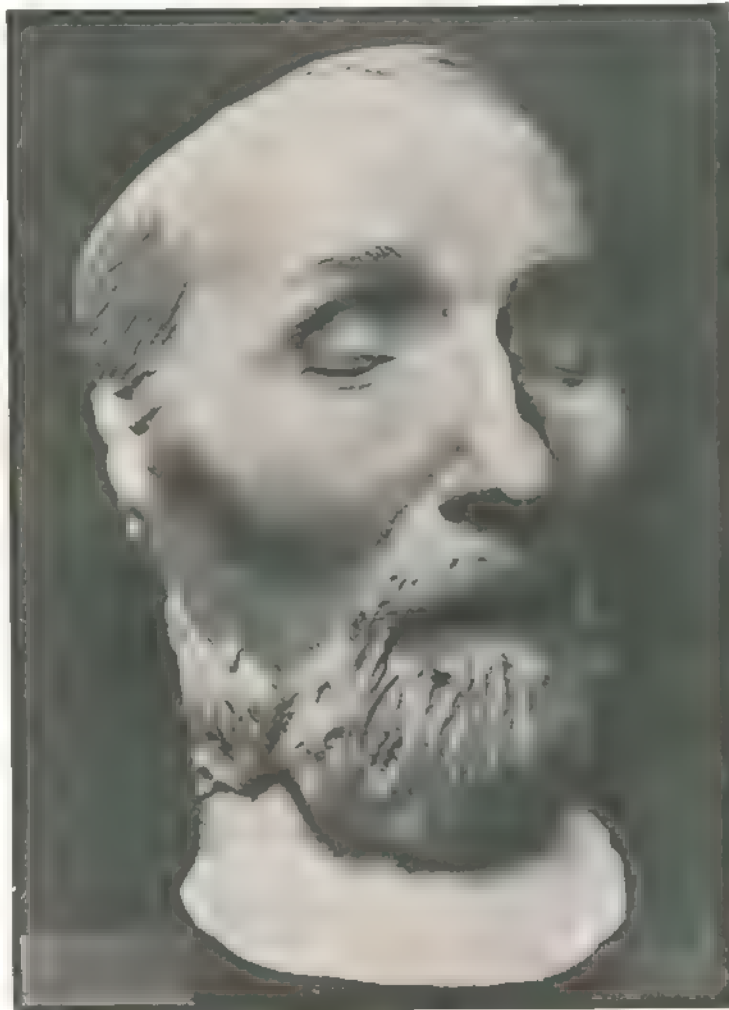
Volto ao livro de Heine. Abandono a vida por uns instantes.

Pela janela do meu quarto, rasgada sobre uma grande avenida, entra um luar de prata líquida, que inunda, e encharca todos os meus sonhos. No silêncio da noite tombam fôlhas de plátanos, sequiosas de água. Tombam fôlhas! A minha tristeza e o meu isolamento são cada vez maiores, e sinto-me impotente para afastar do meu quarto o luar de prata líquida que inunda e encharca o pequeno mundo das nossas coisas.

Pobre Henri Heine!

Augusto d'Esaguy.

A TRISTEZA DE HENRI HEINE



blema da morte para um segundo plano. Só os afectivos e os poetas, os que se entregam mais a si próprios do que à vida, ou os contemplativos místicos, pensam na morte, fim ou iniciação, e cuidam da resolução deste problema, cuja beleza poucos adivinham, e de cujo mistério os mais tímidos fogem apavorados.

No meu jornal, escrito em maré alta de angústia, tendo a morte bordando a meu lado silenciosamente, interrogo-me várias vezes, e deixo que os meus olhos sondem

S. Francisco
condenado
ao seu castigo

tar que eu respondesse — como se dependesse de mim a paz. Mas, varado de espanto, eu perdera a voz...

Alcateias de lobos haviam no último inverno, invadido a Umbria, vindas do Norte, acossadas pelas primeiras neves; e, como se houvessem dividido em marcadas zonas de domínio montanhas, vales e planícies, tudo assolavam: chacinavam rebanhos, trucidavam pastores, atacavam povoados, e arrancavam, não só ao berço, mas dos próprios braços das mães, as crianças!

Havia quase um mês, porém que, três léguas em redor de Assis, não se assinalavam alcateias. Dizia-se que assim era por intercessão do Santo o Lobo-Rei entrara com ele em negociações...

— Chefe, o Lobo-Rei entrara com ele em negociações...

Francisco insistia, interpretando o meu silêncio: — Tu és daqueles que querem impedir a paz entre as criaturas de Deus, és dos orgulhosos que entre os seres viventes põem distinção? Como perseverais no Pecado! Pois aí vem o reinado de Jesus, e quereis perpetuar tal guerra? Vê como o rouxinol gorgeia em pleno outono; já para exaltar a glória do Supremo Advento é para as avesinhas peene a primavera...

Um rouxinol veio pousar nas suas mãos, que se erguiam para o céu. E cantava!

Senti-me, de repente, transportado a casa de S. Francisco, sem dar mais um passo! Ele chamou; veio Elias de Cortona, e pôz na mesa um cabaz de maçãs, uma bilha de água e brã nova.

Acabada a refeição, saiu Francisco, desacompanhado.

E Elias contou, logo: — Veio hontem o Lobo. Matei, para ele, a melhor ovelha do rebanho. Viste como ainda no pátio o chão está ensanguentado? Francisco falou ao Lobo, mas ele não quis ouvi-lo, enquanto se não fartou. Depois, sim, deixou-se abraçar, e Francisco, beijando-o sobre os olhos, chorou, rogando-lhe misericórdia, e exortando-o ao arrependimento.

Pretendia o Lobo que nos tempos antigos eram as ovelhas que comiam os lobos, e que justo é que estes agora se vinguem. O Santo pregou, pregou...

LEGENDAS

A PAZ COM O IRMÃO LOBO

— Mas será necessário comê-lo! — opôs o celerado, e abalou pelos montes, uivando. Francisco caiu de joelhos, e, enquanto orava, caiu como morto.

Veio Clara, que o estreitou nos seus doces braços; despertou, e logo te mandou chamar. Teve uma visão: diz que tens atrás do muro do teu cerrado, a colrada do curral, uma armadilha contra os lobos, e que foi isso que fez com que se quebrasse o pacto de Subásio.

Compreendi, alarmado. Era certo que à beira do meu muro, junto do curral, eu dispuzera uma armadilha... Mas, pois que o Lobo ameaçava, necessário seria passar, decididamente, da defensiva à ofensiva.

— Elias, ouve-me: Francisco está doente, perturbado, e com ser, como é, tão grande santo, não se livrará de que o tente o Demônio. Creio que, em glorificação do Eterno, ha de oferecer-se a paz a quem quer a paz, mas tem de opôr-se a guerra a quem faz a guerra. Elias, eu creio que é mister fazer ao Lobo uma bela montaria!

Francisco entrava o limiar da porta, Olhou-nos, entristecido, e disse:

— Al dos malvados que querem, a todo o transe, a guerra! Al dos homens perdidos que querem, a todo o transe, perder-se! Dêles não será o Reino dos Céus, não terão lugar no seio de Jesus, Deus ha de preferir-lhes os lobos.

Nublára-se o seu luminoso olhar.

— Mestre, disse eu, a cólera assombra-te.

— Assombrados de desvairamento sois vós, que não tendes o coração humilde, o vosso coração é um ninho de víboras. E não sereis benditos por Deus, enquanto não andardes de rastros diante do lobo, que é mais meu irmão do que vós mesmos. Não vos apiedais do lobo, porque é feroz? pois é a sua ferocidade que deve mover a vossa alma. Fazei como eu, que o abraço, e tanto o abraçarei que me entenderá.

Francisco parecia fóra de si. E a ponto que, despedindo-me, terminou.

— Tu é que me não queres entender, porque a verdadeira fera és tu. Porque lançaste a armadilha contra o Lobo, teu irmão? Se o não houveras feito, enchendo-o de ira, não nos teria ele ainda exigido o cruelto sacrifício. Vai, e reco-

DOVERELLO

nia-te com ele, que, em quanto o não fizeres, com teu Deus te não reconciliarás.

Na azinhaga encontrei Santa Clara, Clara Sciffi, a virginal companheira de Francisco, loura e resplendente — que ele amava tanto, e cuja voz harmoniosa era como um fio de ouro que o ligasse ao céu — envolvida no seu manto de burel, o nodoso cordão cingindo a cinta aroosa, e calçada de rústicos tamancos de ameiro.

Disse-me que chegara, ha pouco, a Raposa de Roma, que se arvorára em diplomata do Lobo... Francisco tivera com ela uma conferência.

Então compreendi o triste espetáculo a que acabára de assistir às astúcias da Madre Raposa nem os santos resistem...

A tarde esfriava. Fui descendo para o vale, onde o rio se afofa entre pinhas e olivédos, com passos incertos e o coração pesado de apreensões. Perúsia, entre vinhas, adormecia, distante.

E, por todo o caminho, não se apartou mais de mim aquela imagem de Francisco, tão diverso de que sempre o conhecera, comandando agora a obediência cega impondo-se aos leais em nome do Senhor, interpretando a vontade divina pela sua própria vontade, fulminando excomunhões por inspiração da Madre Raposa, e não da Madre Igreja.

Eu conhecia Francisco desde a mais tenra infância: brincáramos juntos, ainda antes de nos separarmos do regaço de nossas mães. Acompanhá-lo, sem desfalecimento, através da vida a mansidão do seu ânimo fóra inalterável, em todas as provas cruéis que sofrera, a ternura do seu coração transbordára sempre em benções, mesmo para os seus perseguidores, e votando-se a dor, essa dor re-florescia sempre em graças para todas as desventuras.

Eu fóra dos primeiros que o seguiram, e quando na solidão de Rivo Torto acampámos entre as penedias e fômos expulsos pelo mau homem que ali alojara o seu burro e que nos incendiou os cabanaes enquanto dormíamos, fóra eu quem transportara às costas Francisco, desmaiado,

por léguas e léguas de verdadeiras hostis, a princípio sôb os apupos dos cabreiros dos montes, depois lapidados pelas crianças e bêbedos dos povoados.

Que alucinação o transformara até tamanha dureza, como se fósse um cardinal schismático? Como é que Francisco, o Amigo do Homem, nos abandonava, tomando, tão facciosamente, o partido do lobo cerval?

O nevoeiro, que caía dos Apeninos, espalhava ondas de negrume e indecisão no meu torvado espírito.

De súbito, no carrascal, senti agitar os ramos. Era a raposa que sutilmente rastejava pelos matos, vencendo a encosta... A arteira, fugia!

Os últimos raios do sol trespassavam a bruma de flechas de ouro. Lufadas caliginosas apagaram-nos na noite, que descia. Melancolicamente, um sino desferiu as badaladas de Angelus.

Ao outro dia parti para Orvieto. Só voltei ao fim da semana. Apenas descarreguei da mula os ôdres de azeite disse-me o irmão leigo, que me esperava



Madre Raposa

— Francisco mandou recado para que prendêssemos o cão, e desfizêssemos a armadilha. A Raposa matou esta noite todas as aves na capoeira. O Lobo não veio, felizmente, não falta um anho.

Era uma manhã luminosa, doce e triste. A brisa fria desprendia as últimas folhas dos carvalhos e castanheiros.

Dei volta ao horto, aos currais. No



S. Francisco de Assis desenho de Antonio Carneiro

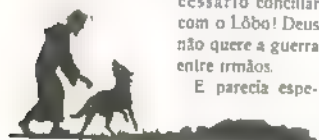
pátio, encadeado, o cão ganha: soltei-o. E refiz a armadilha...

Cheguei à noite a Assis. Encontrei Francisco, no cercado, com Elias, Benedito, Clemente, João e Domingos. Só ele estava sentado, apenas me viu, ergueu-se, e, tomando-me de parte, disse-me com a sua costumada voz de mansidão:

— Ainda bem que vieste! Ficou ontem assente, entre mim e o Lobo, um pacto definitivo. Madre Raposa assistiu a tudo... Porque foi ela quem reconduzia o lobo à divina graça!

Começaremos por entregar à guarda do Lobo todos os cães de gado. O Lobo doutrinará todos estes seus irmãos de raça. De cada rebanho se separarão três ovelhas e um carneiro para se habituarem às alcateias, nos fojos. Assim passarão sete semanas. Na noite de sábado da última semana, todos os lobos da Umbria, e os cães e todo o gado entrarão em Assis, convertidos à Lei da Fraternidade. E, ao romper de alva, celebraremos aqui a Missa da Aliança, consagrando o Dia do

Senhor. Que grande dia de glória, irmão! Na minha memória revivia a senda miraculosa da vida de S. Francisco... Um effluvío extranho se desprendia d'ele, que me entorpecia a vontade, que submergia todo o meu ser. O meu raciocínio não resistia mais, paralisára-se o meu pensamento num alvoroço de abandono: a minha alma desprendia-se de todos os laços carniaes.



Sentámo-nos debaixo do parreiral, absortos no silêncio; eu meditava as suas palavras: "Quero que prégueis por vossas obras; é pela vossa vida, e não pelas vossas palavras, que sereis julgados..."

Tôda a dúvida, tôda a incerteza se desvaneciam na Fé: — o Lobo ia, enfim, humanizar-se. O milagre esplendia!

Nem eu sei o que me levou ainda a perguntar:

— Mestre, porque esperas sete semanas?

— É que, antes, hão-de retirar-se os monstros do mar!

O que queria dizer? Pobre de mim, que não podia penetrar os seus desígnios, os desígnios de Deus. Lembravam-me os preceitos da Ordem, em que ditára: "Sereis iguais a cadáveres, que não oferecem resistência alguma e se conservam sempre na posição que lhe foi dada..."

Beijei as suas mãos, e de joelhos, com lágrimas, confessei-lhe as minhas tremendas culpas.

— Vai — disse, absolvendo-me num abraço — e cumpre a vontade do Altíssimo.

O luar nascia. Todo o cenário da planície e da montanha parecia mais vasto, mais profundo, solene e religioso...

Chovêra torrencialmente todo êsse dia de sábado, que era o último das sete semanas de provação.

Depois da meia noite, montei na mula, com o irmão leigo. Dificilmente vadiámos os ribeiros.

Gotejavam ainda as frondes das oliveiras. Pesadas nuvens rolavam, envoltas pelo luar. De quando em quando, relâmpagos fuzilavam.

Dos debruns das colinas, dos cimos dos oiteiros, das quebradas dos vales levantavam-se vozearias, clamores.

A Úmbria despovoava-se: ao nascer do dia, que festa em Assis! Dêsde os tempos de Cristo que milagre tão grande se não cumpria...

A mula estacou: ao clarão dum relâmpago vi dois rafeiros mortos, que a torrenciente arrastava!

la apear-me... Mas uma aldeia inteira se nos juntava — as crianças ao colo, e velhos de cem anos deitados na sua cama, em estrados como andores, levados aos ombros pelos bisnetos.

À beira da Subásio era uma longa, in-

findavel procissão de muitos milhares de pessoas, espalhando-se como uma serena vaga.

A Paz! A Paz!

A Paz! E cânticos

ascendiam

votivamente, celebrando S. Francisco e o Lobo...

Já se puzera o luar; fachos ardentes guiavam a marcha.

Parámos à entrada de Assis: acenderam-se logueiras, em arraial. E, aí, tôda a multidão ficou, de joelhos e orando.

A Rosa Divina despontava no horizonte: tôda a Perúsia, as colinas, os vales, as planícies e as cordilheiras longinquoas, floria da brancura da neve dos Apeninos, cujo fulgor igualava o dos relâmpagos na noite. Avancamos.

Na praça estava já tôda a gente de



Assis. Ali parámos ainda, e, não cabendo todos, derramaram-se muitos pelas ruas.

As portas das habitações dos currais haviam sido arrancadas, como em tôda a Úmbria, por ordem de S. Francisco: — Que venha a nós o Irmão Lobo, e não encontre fechados porta nem cancelo!

Encaminhámo-nos para o convento, que fica além do povoado. A multidão,

em côro, entoava, marchando, o Hino ao Sol:

— "Louvado sejas Tu, meu Senhor, por tôdas as criaturas, e em especial por nosso Irmão



Sol, que nos dá o dia, e, belo no seu imenso esplendor, testemunha a tua glória; louvado sejas tu, Senhor!

"Louvado sejas Tu, meu Senhor, pela nossa Irmã, a Terra-Mãe, que nos sustenta e cria, e produz a erva e os variados frutos com flores matizadas!

"Louvado sejas Tu, meu Senhor, pela Água, nossa Irmã, tão preciosa..."

Mas ninguém aparecia a receber-nos! Adiantei-me, correndo... Passei a sêbe, aflicto.

O espectáculo que se me deparou será sempre indescritível.

Do lado da arribana, viam-se rastos de sangue, pelagens soltas, carnes espastadas...

Transido, penetrei no átrio. Benedito, Domingos, Clemente, João, ali jaziam em montão de carnificina. No corredor, Elias, lívido, o peito lacerado por garras, parecia agonizar...

S. Francisco, ferido também, jazia de bôrco, as mãos juntas, como se desfalecesse orando.

A multidão entrou no pátio, em tropel; alaridos e choros encheram tôda a casa.

Já Santa Clara velava S. Francisco, que depuzemos no seu catre. E o frade leigo banhava as fontes de Elias, que, como acordando dum pesadelo, murmurava: — Alcateias! Que alcateias!

Mandei chamar todos os peregrinos, trepei ao eirado, e clamei:

— S. Francisco foi tentado pelo Demónio, que quiz perdê-lo pelo orgulho da sua missão; Deus salvou-o, espalhando a morte á sua volta e derramando o seu sangue. Só o Homem é filho de Deus, feito á sua imagem e semelhança; as feras são figurações do horrendo Pecado. Irmãos: Ao Lobo! Ao Lobo!

Logo, por tôda a parte, a montaria começou, correndo os vales, subindo os cêrros, devassando bosquêdos e cavernas, varrendo os pincaros nús das montanhas, batendo o terreno palmo a palmo, fôjo a fôjo — certa, implacável, exterminadora...

E não houve mais lóbos na Úmbria!

Se me lembra! Como se fôsse hoje...

AS FESTAS DE VILA FRANCA



A importância das festas realizadas em Vila Franca de Xira, com o entusiasmo do povo desta cidade, não chegam a apresentar, em algumas indústrias e comércio, as reacções dos operários industriais e dos trabalhadores de campo.

Não é possível, dada a pouca duração da greve, com apenas uma ou duas semanas, que os trabalhadores tenham conseguido alcançar os seus requisitos, tendo em conta o tempo que os empregadores estão dispostos a dar para a realização das negociações. Os sindicatos devem considerar que os empregadores não estão dispostos a dar mais do que um mês para a realização das negociações.

[illegible]

Portanto, a Festa do Livro, há e do Desporto realizada em A. A. f. e. deve constituir um modelo a seguir, um exemplo a seguir por todas as classes trabal. ind. de Portugal.

Destá maneira, vão devese surgir inúmeros benefícios, visto que a semente lançada em terra própria pode produzir e testar





O Infante Santo
tria o remia,
chorava por-
que deixava em Fêz o
cadáver do seu amo, do
seu senhor, do Santo,
enfim,

Separar-se de quem
tanto amara em vida
como na morte, era para
Álvares maior sacrifício
do que o próprio cati-
veiro. Por um lado, sen-
tia não haver árvore mais
frondosa, nem monte
mais belo, nem céu mais
claro, nem ar mais puro
do que a árvore, o monte,
a terra, o céu e o ar
de Portugal, por outro, a
saudades minava-o, dilata-
va-o, e ele queria
estar sempre no lugar que
tomava como seu pósto,
ao lado do cadáver do
filho do Mestre de Avis.

Os vales profundos e
os intermináveis desfiladeiros
magrebinos passa-
ram a dar-lhe a ideia dum
túmulo. As neves do Atlas
transmiliavam-lhe à alma
angustada a sua própria
algeidez, qual cadáver do
inlausto D. Fernando, re-

A alma de D. Fernando, desprendida
do invólucro terrestre, gozava agora
a plenitude do celestial império
que tanto desejava.

Todos os apóstolos, à excepção de
João Rodrigues, seu colega, que haviam
ficado em Arzila e por milagre consegui-
ram salvar-se da peste, receberam em
Fêz o baptismo da "virtude cristã", na
cela escura, onde D. Fernando habitou
os últimos três meses da sua vida de
inexcedível martírio.

De todos os companheiros de presídio
só um falhara. Não pudera resistir a tão
prolongado sacrifício. Fôra o mais fraco
induzido por um renegado, também
português, preferiu converter-se ao Is-
lismo, a suportar um tormento deveras
sobrehumano. Mesmo assim não foi como
Judas Iscariotes!

João Álvares tornara-se o mais entu-
siasta dos apóstolos, se bem que todos
proclamassem as virtudes do seu senhor,
inclusive o renegado... que o era *in partibus infidelium*.

No entanto, Álvares entrara e saíra de
Marrocos com os olhos rasos de lágrimas.
Começava a sofrer o cativo choro-
ando a desgraça de D. Fernando e a
sua, agora, na despedida, quando a Pá-

passando-a de desconfiôto.
Dias e noites passara ele orando, olvi-
dado do mundo exterior debaixo do arco
da porta, onde estava o caixão, tendo
visão erguer-se dele o espectro do Infante
e ouvindo uma piedosa mensagem.

Joham, Joham, não te agrades, estou
feliz no Céu. Diz aos portugueses que
devem vir conquistar este território para
a Cristandade.

Outras vezes ouvia

— Joham, perdoa a esses impiedosos
mouros, que desconhecem o caminho da
verdade. Perdoa, como eu lhes perdoei!
Tu és o meu discípulo querido.

Mas João Álvares não perdoava, pri-
mando até por iniciar sempre assim as
suas orações: "Vingua, Senhor, o sangue
inocente... em que pecaram junta-
mente todos los mouros, nom por inorancia,
mas açiente, e por çerta malicia, em ve-
lupeno e ofensa da coroa dos vitoriosos
"Reys de Portugal, menospreçando aliança
"dos poderosos príncipes, Rey, e Senho-
"res nosos e amigos."

Não perdoaria jamais, embora sentisse
que deveria fazer a vontade do Santo.

Abominaria todas as honras que lhe
dispensassem ao regressar a Portugal,
porque a pobreza e a humildade, sempre

OS GRANDES EXEMPLOS

A paixão e morte do Infante Santo

Uma grande resignação

desejadas por D. Fernando, fariam dele o
seu melhor discípulo. Aquilo que aprende-
ria com o Infante não lhe permitiria
usar de grandezas.

De facto, mais tarde, ele abandonou o
lugar de tabelião, apesar de D. Afonso V
lhe passar carta, onde lhe "quitava a pen-
são que nos hade pagar porquanto jaz
em terra de "mouros" ao serviço "do meo
muyto amado Iyoo". Mas Álvares queria
ir mais longe na sua mística resolução,
queria ir até o fim, porque sentia, no
mais íntimo da sua alma, que era bem o
discípulo dilecto do Mestre. Conforme
todos os demais cativos deram testemu-
nho, D. Fernando sempre se lhe dirigiu
como a um filho estremecido.

À hora da morte chamava-o para pe-
dir-lhe que o beijasse, tendo Álvares
deixado correr as suas lágrimas sobre a
face do Mártir.

Desde aquele instante, João Álvares
sentiu-se como que possuído duma alu-
cinação extraordinária, atendendo-se de-
sacompanhado daquele que lhe servia de
arrimo, ao menos pelo socorro das ora-
ções que o fazia ascender ao Trono da
Graça, já que o rigor do cativoiro o sepa-
rava tantas vezes e por tão longas
temporadas.

Cismou no suicídio, mas, penetrando
no arcano das verdades da religião, en-
tendeu fazer penitência por se ter sentido
réu diante de Deus, réu da culpa de tão
salatório pensamento.

Quando o seu resgate entrou em nego-



No castiello de Fes

ciações, por ordem de D. Pedro e por
intermédio do mouro *saqui* Guiznam,
aliviaram-lhe a pena, tirando-lhe os fer-
ros. Por isso podia vir até junto das
margens do rio, onde o Santo tantas vezes
se banhara, e perto das quais matava
saudades de Portugal, e falava no ima-
culado nome de Jesus.

De volta se nas almenaras os *muezins*
clamavam por Mahoma, voltava a cara
com desprezo, cerrava os pulsos e dizia:
— Perros renegados, estais a chamar
pelo Demo... Andai, andai, que eu vos
contarei uma história quando conquistar-
mos toda esta terra para os cristãos.

Depois, atravessava lentamente a praça,
onde os beduínos tinham expostos os
mais variados produtos, e, deparando
com a porta de Marraquexe, ajoelhava,
punha as mãos, e ficava-se rezando pelo
Santo.

Os mouros consideravam-no como he-
mague doido — pelo que se furtavam
ao contacto com Álvares.

De noite, com espanto geral, pedia
para dormir na *cova* onde o seu senhor
halecera. Os bárbaros diziam que o *bor-
teguete* tinha os *jenuns* no corpo.

Alas horas, se o espreitavam, viam no
de mãos postas, orando num dos ângulos
da masmôrra, no lugar onde occultamen-
te, ele enterrara as relíquias do Infante.

Efectuado o resgate, os reles lusos
voltaram à Pátria, moralmente quasi anal-
gésicos pelo sofrimento atroz de tão
duro cativoiro, todavia sensíveis ainda,
mesmo assim, à nostalgia da sua tão
querida Pátria. Por essa razão, numa tarde

de Outubro, reuniam-se em Portugal to-
dos os apóstolos sobreviventes do Infante
Choravam. As lágrimas abençoadas que
verteram expressavam o mais belo dos
sentimentos humanos — a gratidão.

Discutiram qual o modo de tornar
mais conhecidas as virtudes de D. Fer-
nando, expandindo-as, exemplificando as
pelas suas próprias vidas vividas longe
umas das outras, uma vez que iam sepa-
rar-se pela força e natureza das próprias
missões.

Dos olhos desses apóstolos iluminados
saía agora um brilho intensíssimo, que
parecia pretender incendiar a alma de
todos os lusitanos. E esses homens, cau-
terizados pelo sofrimento moral e físico
das cadeias e da disciplina de lagante,
injurados e escarnecidos, unidos um dia
pela mais cruenta desventura, viram-se
depois dispersos, mas livres, gozando a
vida de homens com direitos civis, sem
deixarem jamais de sentir-se irmanados
pela desventura que lhes estigmatizou as
almas e comprometeu, portanto, as suas
energias morais.

Vae Victis!

José de Esaguy

Assim termina José de Esaguy a sua mago fca
da vida do Infante Santo, que...
de D. João I é também um hino cheio de
elevação e grandeza.

Até agora... a vida do Infante D. Fernando
que... nas de eruditos portugueses e estran-
e os têm procurado... andar em toda a vida...
verdade não estava... a... a...
Quando... se supunha, surgia um...
que um...
que...
bastante...
que Portugal considerava a... mais...
jo...
Quando à vida que o desventurado D. Fer-
nando arrastou só a escravidão que lhe rest

Cala a embalação



O Infante Santo, segundo um quadro quasi completamente
diferente do existente na realidade

da qual, pateticamente aceita, relativa se
aquí e além um ao outro e já sadio a deturpar o
que já estava dito, e que pouco depois, era
m deturpado por um outro mais sinante
ao mud... do novo povo sempre ingenuo e sem
pote dantes...

Finalmente, o mestre escritor José de Esaguy,
aos estudos realizados em Fanger e
Fex, consegue... a... sobre
este doloroso ponto da História Pátria...
de Esaguy, além de nos deixar o capítulo
de quanto é capaz o



O encanto feminino, sendo eterno e imutável na sua essência, evoluciona através dos tempos, numa ânsia sempre crescente de atingir a suprema perfeição. Com o seu constante desejo de agradar, a mulher aproveita a sua estética que se adapta a todos os matizes, e consegue sempre alguma coisa de inédito.

Rodaram os séculos que nos deixaram a recordação impercível de tantas damas retratadas por pintores de gênio desde Apelles a Leonardo de Vinci, desde Ticiano a Reynolds.

Já contemplaram essa galeria vassilhsima constituída por dezenas de museus que a nossa imaginação liga numa esteira luminosa?

A graça da Venus Anadyomena nada perdeu com as roupagens de que Leonardo de Vinci a revestiu, séculos depois ao retratar a sua querida Gioconda, nem a Lucrecia Borgia, aureolada nas rendas vaporosas de que o enfeitado Ticiano



QUANTO o sábio rei Salomão abriu o "Eclesiastes", com a famosa frase "Nada há de novo debaixo do sol", esquece, se do eterno feminino, não obstante dever-lhe os mais belos momentos da sua existência. Grande tenha sido o talento da rainha de Sábá para cultivar o excelso poeta do "Cântico dos cânticos", que se misturava, estarecido naqueles lindos olhos que eram "como os das pombas sem falar no que estava escondo do dentro".

E com que paixão o rei lhe dizia "Tu feriste o meu coração, irmã minha esposa, tu feriste o meu coração com os teus olhos, e com um cabelo do teu pescoço."

"Que lindos são os teus peitos, irmã minha esposa! Os teus peitos são mais formosos do que o vinho, e o perfume dos teus bálsamos excede o de todos os aromas!"

"Os teus lábios, ó esposa, são como um favo que dislha doçura, o mel e o leite estão debaixo da tua língua, e o perfume dos teus vestidos é como o perfume do incenso do Líbano."

a arrebitou, pode parecer ridícula ante a majestade da duquesa de Devonshire que Reynolds levou numa das suas telas magistrais.

Houve tempo em que as boas carnes constituíam beleza, e, assim, os quadros de Rubens exaltavam o encanto das suas retratadas.

Depois, surgiu a estilização de formas e a mulher, sempre engenhosa reduziu ao mínimo as suas carnes, tomando a flexibilidade irrequinta duma lavandisca. Deixou de oprimir os pés com os sapatinhos de dimensão chinesa e tacões de incompreensível altura. Pôz de parte o espartilho e regressou à Natureza, adaptando a si, consoante o seu capricho

AVVA!

Eis a Majestade ninguém destrona, e domina sobre os seus que a adoram cada vez mais

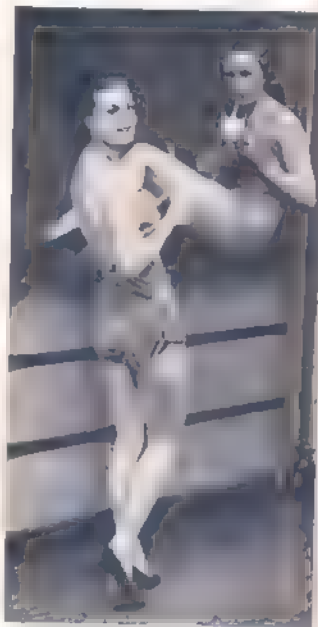
A tentadora Eva, depois de fazer pecar o homem, em cada um dos seus avatares intuídos, toma neste momento o aspecto duma banhista original que nos atrai e engana como no memorável dia do Pecado original.

Sedutora como a Salomé, impenetrável como a Éstinge, perfiada como a Circe, mostra bem que o dobrar dos séculos não lhe fez esquecer a lição que a maligna serpente lhe ensinou.

E tentá-nos sempre cada vez mais — e com mais elevado engenho.

Nos tempos do império romano, Sabina Popea, esposa de Nero levava o seu requinte a banhar-se diariamente com leite que quinhentas jumentas lhe forneciam.

Em pleno século XIV, as elegantes italianas sentiram uma certa repugnância em tomar os banhos de lodo que o douto Uicomo de Dondis engendrara como medida salutar. Mas logo que se coustou que a imersão em lama fazia realçar a beleza, as damas correram a esses banhos e a mergulhar-se durante o prazo que se lhes indicava, e que podia atingir cinco horas. Depois, com um banho quente, tudo voltava à normalidade.



Isabel da Baviera, na ânsia de se tornar sedutora, quis seguir o sistema da mulher de Nero, banhando-se em leite de jumenta. Mas, ou porque lhe desagradasse o líquido, ou porque não colhesse os resultados que desejava, passou a banhar-se em água de rosas, misturando-lhe previamente suco de melão, extrato de cevada verde e um preparado de amêndoas e claras de ovo.

Durante o século XVII estiveram muito em voga os banhos de vinho. As damas da corte francesa seguiam à risca os conselhos do inventor destes banhos — al gum vinicultor — que aconselhava uma imersão diária com a duração de vinte minutos.

A desventurada Maria Antonieta usava outra fórmula que sua mãe lhe recomendara como eficaz o seu banho era constituído por um cosimento de folhas de loureiro, tomilhos e orégãos a que misturava uma mancha de sal comum. Por sua vez, a celebrada Madame Tallien preparava o seu banho com água perfumada, a que misturava oito quilos de morangos e um de framboesas, e com isto conseguia — segundo ela própria afir-



mou — ter a pele macia como veludo. Sarah Bernhardt banhava-se em champagne, receita que muitas damas ainda hoje adotam com a mais profunda convicção. Tudo isto, e muito mais, se fez, faz e fará para maior realce da beleza feminina cujo império grandioso nenhuma força humana conseguirá desmoronar.

A originalidade feminina não pára nunca. Numa praia californiana acaba de aparecer uma gentil banhista, ostentando um reduzido fato de banho em que aparecem estampados os quatro meses da estação calmosa. Por sua vez a atriz cinematográfica Betty Furness apresenta um traje constituído pelos títulos dos maiores jornais do Mundo, conseguindo assim como se calcula, uma publicidade formidável.

E, neste crescendo de originalidade, a mulher conquista, palmo a palmo, os seus triunfos, ora mostrando-se na semi-nudez seus encantos, ora envolvendo-se num



delicioso mistério que cada olhar curioso interpreta consoante a sua sensibilidade.

Metidas em amplos pijamas, mostram apenas o rosto como conceito de enigma que poucos conseguirão decifrar.

Aproveitando as praias, podem deliciar-se nos banhos elegantes a saporizar carapinhadas que lhes suavizam a calma, enquanto, numa requintada maldade, encendeiam com olhares provocantes o coração de quem as observa.

De repente, aparecem de pijamas a maruja outra originalidade interessante! e lá vão à procura de peixe grosso, com



todos os atributos necessários à pesca. Fazem sempre boa colheita. Dir-se-ia que os peixes, deslumbrados pela beleza que os atrai, não querendo ficar atrás dos homens, deixam-se prender pelo beicinho.

A mulher vê tudo isto, e vai seguindo sempre a evolução dos tempos.

Actualmente, vêmo-la como nas fabulosas eras olímpicas, regressando à Natureza, donde, durante tantos séculos, andara arreida. E, embora sedutora como Alrodia nem por isso deixou de ser tão casta como Diana.

Há dias, no Estoril alguém, desejando deixar uma amabilidade no leque duma gentil banhista, escreveu-lhe esta quadra

Anjo da eterna mansão
As asas tirou-las Deus,
Prezando a tua evasão
Da sua corte dos Céus

Ora, se não enrouparam os anjos que voltam em roda do trono do Eterno, não prelamam profundar a beleza feminina que, sendo eterna, é também intangível.

UMA excursão de americanos visitava o castelo de Blois em França, ouvindo atentamente as informações do cicerone que, calculando boa gorgêta, se esforçava por explicar minuciosamente os mais pequenos pormenores.

— Nesta sala — informava êle — o rei Francisco I comeu meia dúzia de coelhos, tal era a fome que trazia do seu regresso duma caçada.

— Não há nisso nada de extraordinário — resmungava um dos turistas.

— Façam favor de subir. Temos mais e melhor.

E, entrando noutra dependência, afirmou:

— Nesta sala, o duque de Guise foi assassinado em 1588, por ordem do rei Henrique III. Tinham-no prevenido da sorte que o esperava, mas o duque, encolhendo os ombros, respondeu: "Não chegará a tanto a sua ousadia!". O rei é que, apesar de tudo, o mandou matar... Todos os móveis são da época.

Aqui, junto da janela, pode vêr-se ainda uma pequena nódoa no sobrado que, segundo a tradição, são restos do sangue do duque de Guise... Sigam-me, meus senhores!

Neste momento, um francês que se tinha agregado aos turistas, aproximou-se discretamente do intérprete e disse-lhe em voz baixa:

Ela: Morreu hoje um dos meus numerosos apaixonados. Será disparate dizer: Mais um a menos? Um deles: — Disse antes que amais menos um.

de Blois, e lembro-me perfeitamente de que a sala, onde me mostraram a nódoa de sangue proveniente do assassinio do duque de Guise, era noutro pavimento.

Sem se desmanchar, o guia respondeu:

— Tenha paciência!... Êste ano, a sala a que o senhor se refere está em obras...

Numa aula de história natural, o professor pergunta a um dos alunos:

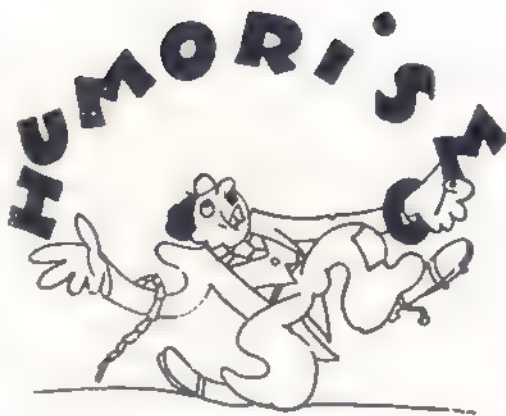
— Os animais possuem realmente o sentimento da afeição?

— Suponho que todos. Pelo menos, quasi todos.

— E qual é o animal que sente menos afeição pelo homem?

— A mulher — respondeu o estudante, entre dois suspiros.

Seguindo em passeio, dois individuos que tinham enriquecido à custa de trafi-



cância, viram um rapazito roubar o chapéu a um pobre diabo que dormia num banco de jardim.

— Veja aquêle desafôro! — roubar o chapéu ao desgraçado!

— Deixe lá, meu amigo. Lembre-se de que todos nós começamos por pouco.

Um pobre homem, cuja vida de casado constituiu sempre um verdadeiro martírio, vai acompanhar ao cemitério o cadáver de sua mulher. Como durante o trajecto se mostrasse muito satisfeito, um amigo segreda-lhe:

— Pelo que se vê, vais muito contente!

— Se te parece! replica o outro — é esta a primeira vez que saio com minha mulher, e que ela não arma uma questão comigo pelo caminho!

Numa reunião em casa duma titular, veio à discussão o verdadeiro significado dos anéis que os noivos permutam como símbolo duma eterna aliança.

Cada um dos presentes deu a resposta consoante a sua resposta pessoal.

— Porque êsse anel — respondeu uma jovem viúva romântica — é sem fim como o amor.

— Porque é unido e uniforme — sentenciou um velho casado.

— Porque é mais fácil de meter no dêdo do que de tirar — suspirou uma senhora casada ansiosa pelo divórcio.

No tribunal, o juiz interrogou o réu: — Confessa então que fabricava moeda falsa?

— Que remédio, sr. juiz! Se há tanta gente que faz monopólio da verdadeira!...

Um petiz, não compreendendo o verdadeiro significado do Padre Nosso que pretendiam ensinar-lhe, pergunta ao pai:

— Porque é que se pede o pão para cada dia, e não se pede logo para um mês?

— E' para termos pão mole, meu pateta — respondeu o pai que não parecia mais adiantado no verdadeiro sentido da oração.

Um polícia, sentindo-se apaixonado por uma rapariga sua vizinha, dirigiu-lhe vários galanteios e a promessa de casamento. Como ela resistisse, prendeu-a.

Quando lhe perguntaram o motivo da captura, respondeu com a maior convicção:

— Prendia-a e está muito bem presa. Resistiu à autoridade.

Um caloteiro, ao passar por um crendor que não pôde evitar, tentou disfarçar a sua atrapalhação, perguntando-lhe que horas eram.

— São horas de pagar o que me deve! — respondeu o outro, de mau semblante.

— Não se guie por êsse relógio que se adianta muito — replicou o caloteiro sem se desconcertar.

Numa aula:

O professor: Que forma tem a Terra?

Um aluno: É redonda.

O professor: Como sabe que é redonda?

O aluno: Nesse caso é quadrada. A minha mãe disse-me que não queria que eu tivesse discussões.

Durante a última campanha eleitoral em França alguém sugeriu que se apresentasse como candidato aquele *gendarme* de longas barbas que faz serviço na Porte Saint-Denis e que a França inteira conhece:

— "O senhor é uma das pessoas mais populares de Paris — diziam-lhe — e com certeza que será eleito."

Ao que o conhecido *gendarme* respondia cheio de dignidade.

— Mas, meus senhores, por quem me tomam? Eu sou um homem sério e pai de família.

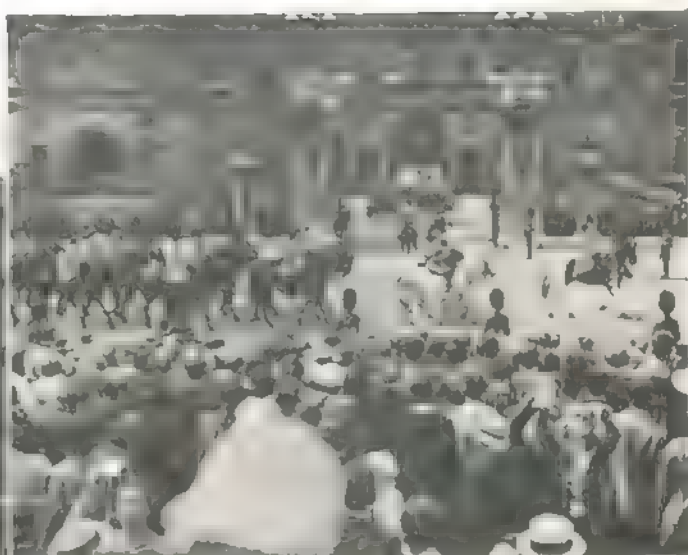
— Estou farta de lhe fazer sentir que não gosto de si. Porque insiste nas suas tolas declarações de amor?

— Então se não gosta de mim porque tem aceitado e comido tantas caixas de bombons que lhe tenho oferecido?

— É muito simples: porque gosto de bombons...



— Meu marido comprou um aparelho de telefonia.
— Com ou sem antena?
— Custou três contos... Havia de ser sem antena?

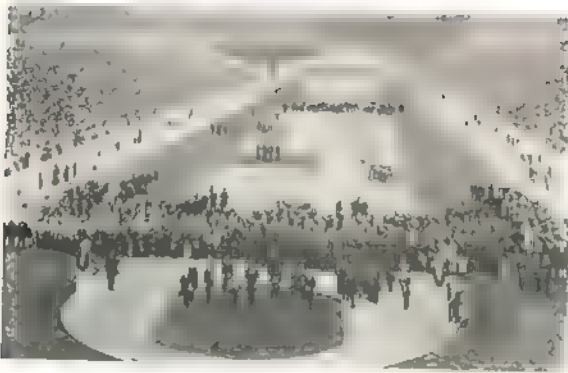
ACTUALIDADES
ESTRANGEIRAS

O rei Eduardo VIII de Inglaterra saindo do Palácio de Buckingham para a entrega das bandeiras às guelastas. *A esquerda*, o soberano, abraçado pelos seus irmãos, duque de York, duque de Gloucester, assistindo ao desfile da parada



O ex rei de Sião e sua esposa assiste em Henley regata anual. *A esquerda* Na Filadélfia, os partidários de Roosevelt hasteiam festivamente o seu retrato em marcha de propaganda para a próxima eleição presidencial. *Em baixo*: Ante uma multidão de 100 mil pessoas, o presidente Roosevelt cumprimenta apaixonadamente o vice-presidente John Nance Garner. O motor aéreo, Pensek, executando o cartaz de Roosevelt para a eleição presidencial. *Na medallão* Alfred Landon, que disputa a candidatura a Roosevelt





Em face do XI Olimpíada que vai começar na capital alemã

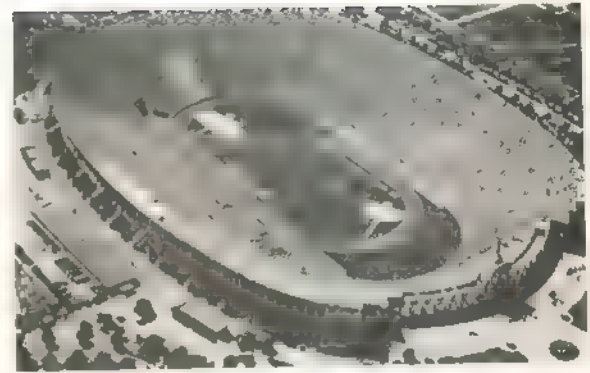
A cidade alemã de Berlim foi escolhida para organizar os jogos de 1936, sendo inteiramente construído em mármore branco. A cerimônia de abertura à qual assistiram 60.000 espectadores, foi presidida pelo príncipe herdeiro Jorge, um dos mais entusiastas da Alemanha. A gravura à esquerda se refere ao momento em que o príncipe herdeiro Jorge, em pleno curso da cerimônia, se encontra no centro da pista de há muitos séculos.

O príncipe herdeiro Jorge, em pleno curso da cerimônia, se encontra no centro da pista de há muitos séculos. A gravura à esquerda se refere ao momento em que o príncipe herdeiro Jorge, em pleno curso da cerimônia, se encontra no centro da pista de há muitos séculos.



O Estádio de Berlim, cuja entrada monumental reproduzimos na esquerda, foi construído inteiramente em mármore branco. O cenário a formidáveis provas atléticas, com tripulações de oito remadores americanos tem sido sempre os triunfos desta vez ainda lhes não escapará a vitória. Esta, porém, podemos desde já prever para as provas de remo.

A gravura à esquerda se refere ao momento em que o príncipe herdeiro Jorge, em pleno curso da cerimônia, se encontra no centro da pista de há muitos séculos. A gravura à esquerda se refere ao momento em que o príncipe herdeiro Jorge, em pleno curso da cerimônia, se encontra no centro da pista de há muitos séculos.



A cidade californiana de Los Angeles foi escolhida para sede dos jogos de 1932, construindo para tal fim um estádio de cem mil lugares, onde nem um posto ficou vazio. Apesar das dificuldades financeiras de tão extensa deslocação, as nações representadas aos jogos de Los Angeles, e entre elas, o Brasil, lutando embora provenientes dum desinteresse oficial.



O Japão, pretendente aos Jogos de 1940, é talvez a nação que maior esforço desportivo tem dispendido. Los Angeles, os próprios americanos, que idêntica do le e reserência que são caracter si das da notáveis, sendo cam... m bures na Maratona

A beleza espectacular das competições de remo, e a grandeza das provas atléticas, com tripulações de oito remadores americanos tem sido sempre os triunfos desta vez ainda lhes não escapará a vitória. Esta, porém, podemos desde já prever para as provas de remo.



Imagem de um atleta em movimento, capturando o momento de uma queda ou de uma queda. A fotografia colheu uma imagem precisa da trajectória. Vai cair na água, não como um ícaro desolido e pesado, de asas partidas, mas como um triunfador que na sua impressionante descida, bela das ascensões ao pedestal da vitória.



Na vida humana nada é seguro, e ninguém pode estar tranquilo na situação que tem, e, quanto mais elevada é essa situação, maior pode ser a queda. Ninguém se deve orgulhar do seu nascimento, nem da sua situação, amanhã pode estar-se pior que a mais miserável das criaturas.

O acaso das combinações, fez-me fazer na minha última estada em Paris, duas visitas, em dias sucessivos, que me fizeram meditar e pensar na instabilidade da vida neste mundo e da sua falta de segurança.

A primeira visita foi a Versailles, essa maravilha, que a fantasia grandiosa de Luiz XIV, o Rei-Sol, criou e desenvolveu em magnificência visita, que se repete vezes sem conto, com verdadeiro interesse, porque as obras de arte, como a música são para ser vistas, e ouvida inúmeras vezes e de cada vez agradam mais.

Mas se Luiz XIV e Luiz XV deram a Versailles a maior magnificência e o maior brilho, não sei porquê, a figura que mais evocamos ao fazer essa visita é a de Maria Antonieta, a última rainha que ali viveu. Essa rainha que criança ainda saía da corte austera e grave de sua mãe, a imperatriz Maria Tereza, modelo de soberana, de mãe e de católica, e caiu sem experiência e cheia de ilusões, radiante de beleza, na corte luxuosa e dissoluta do velho rei Luiz XV exemplo de desmoralização e de libertinagem.

Para o espírito da jovem princeza um pouco frívolo e entusiasta do belo, o meio não podia ser pior, nem mais propício a desenvolver as suas tendências para o luxo e para o desperdício, pois foi este o seu maior defeito.

Porque tudo o que nessa época se disse sobre a sua honestidade de mulher, está hoje provado serem falsas acusações, a que o seu espírito frívolo e o seu entusiasmo nas amizades e atos dava um certo relevo, e que não passavam de invenções infames dos inimigos do trono. Maria Antonieta foi a vítima, não diremos inocente, porque dos seus desperdícios veio muito mal para o povo, mas quasi inconsciente dos erros e dos crimes dos reis e rainhas das cortes que a precederam no trono que S. Luiz tinha santificado.

Ao visitar Versailles, temos a impressão de reviver a época de Maria Antonieta, sente-se no palácio flutuar a alma dessa linda mulher, que apenas cometeu o crime de ser fútil, crime que tanta mulher comete e que não expia, como ela o expiou.

Essa rapariga simples que chegou de Viena habituada a uma vida patriarcal, que quando entrou na corte de França sentiu horror pela vida que ali se fazia, não querendo receber as amantes do avô de seu marido, que por todos eram recebidas, tentou na vida simples do "petit Trianon", vida que seu marido o bom Luiz XVI tanto apreciava modificar os costumes, mas a sua alma era fraca para reformadora e foi ela a arrastada no turbilhão do luxo e do prazer onde a sua beleza radiosa brilhava como uma resplandecente estrela.

Os seus retratos atestam em Versailles o que era o seu encanto e a sua distinção; sobretudo no admirável retrato que dela fez Madame Vigée le Brun, o pintora que melhor exprimiu o seu encanto, rodeada de seus filhos, o pequenino

hoje enfeitam com flores, que essa mulher sofreu quatro longos anos, de humilhações e martírio, vividos dia a dia, hora a hora.

Nesses quatro anos a sua beleza murchou e aos 36 anos ela era essa linda velha que Prieur admiravelmente retratou, pondo nos seus olhos toda a amargurada resignação da sua alma.

Dessa alma que a desgraça revelou, porque essa mulher que no fausto e na grandeza, se mostrou frívola e fútil, que no meio da intriga da corte não soube destrinçar os seus verdadeiros amigos dos adúladores falsos, que sacrificava o bem do povo que Deus lhe dera para conduzir, as suas amizades de momento, foi

na desgraça duma sublime resignação e teve a maior dignidade, no sofrimento.

Maria Antonieta é um dos maiores exemplos, de que a semente duma sã e boa educação fica

sempre no fundo das almas, ainda daquelas que aos nossos olhos parecem superficiais e fúteis.

A filha de Maria Tereza, se não soube ser a imitadora de sua mãe, quando reinava e quando milhura na fraca vontade de seu marido, mostrou na hora da desgraça, que horrível desgraça, que era bem a filha dessa mulher superior e que o seu exemplo não fôra infrutífero.

A filha de Maria Tereza, a grande imperatriz cristã, sofreu como uma cristã. Voltou os seus olhos para Deus que permitia que ela, filha de reis, sofresse como Cristo. Filho de Deus, grandes tormentas no mundo mudos homens. A sua dignidade no sofrimento resignação completamente a sua frivolidade nos anos de grandeza e Deus sabia, ao experimentá-la, que a elevava para a posteridade, fazendo nascer em todos os peitos uma terna aflição, e, em todos os espíritos uma grande admiração por essa alma de mulher.

A energia de sua mãe renasceu na filha, na hora de martírio, durante quatro anos animou seu marido, foi então que ela compreendeu o que ele sabia e como era grande o seu coração e valiosa a sua alma, com suprema resignação animava os seus filhos e aceitava com ternura o afecto da princeza Isabel sua cunhada, essa santa que acompanhava todos os seus nesse martírio tão longo.

E depois de ver morrer os que a tinham servido tão dedicadamente, de ver matar o seu marido, de se ver enlameada pelas mais infames acusações, ela subiu ao cadafalso, com a majestade de rainha, subiu os degraus do patíbulo com uma dignidade e uma coragem, que só de joelhos, se pode admirar, porque era uma mãe que deixava os seus filhos entregues aos seus maiores inimigos!

E qual era a sua inquietação por eles, demonstrou a sua última carta para a princesa Isabel, mas essa inquietação não a impediu de dar ao mundo o espectáculo, duma morte, que só uma augusta rainha podia ter, e uma resignação, que só uma cristã pode demonstrar.

Manifestou duas qualidades: a dignidade que eleva e a fé que ampara e torna heróicos os que a possuem.

Maria de Eça.

MARIA ANTONIETA DE VERSAILLES À CONCIERGERIE

que teve a felicidade de morrer e os dois que, vítimas da revolução, sofreram martírios e foram o maior espinho da alma da desditosa quando subiu ao cadafalso. O esplendor da sua vida ce-



Maria Antonieta e seus filhos

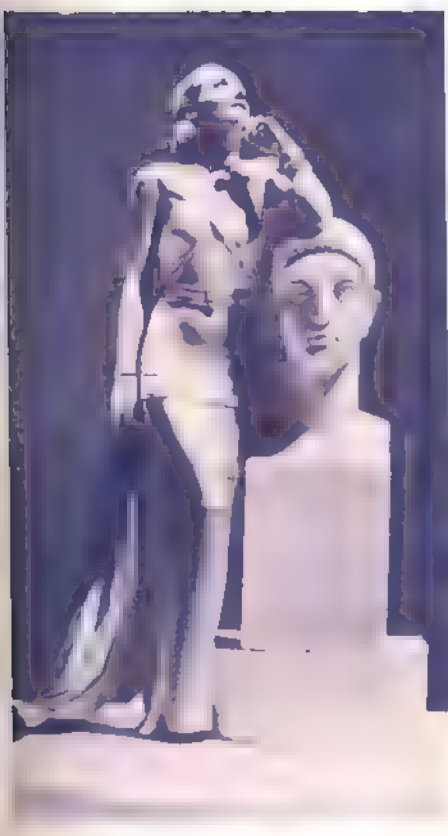
gava-a para a realidade que a rodeava, e o seu desmesurado orgulho fazia-a sentir-se intangível.

E como esse orgulho foi esmagado, despedaçado pela desgraça demonstra-o uma simples visita à Conciergerie, a esse quarto, a essa humida toca, que conflagra a alma, e que ainda hoje atesta o sofrimento através daquela que foi uma das mais adúladas rainhas do mundo.

Depois das galerias dos salões majestosos de Versailles, das rendas e dos veludos, um lóbrego e estreito quarto húmido e escuro com uma feia janela de grades, em frente duma negra parede único horizonte, que parecia desde logo dizer-lhe que a vida estava terminada.

E é nesse cárcere horrível em que a piedade humana poz uma lápide e almas piedosas ainda

A ARTE DA BELEZA



Ovídio, tendo escrito a deliciosa "Arte de amar", não se esqueceu da arte do toucador, inspirando-se talvez nas suas "Metamorfoses". Escreveu um belo poema, que intitulou "Os Cosméticos", e tinha por assunto os polvilhos, perfumarias e outros ingredientes de *toilette* com que as damas se olvidavam para aumentar os encantos que enfeitavam, como enfeitam ainda, os homens escravizados à sua vontade.

Surgiram os médicos, ponderados e severos, a declarar que quasi todos esses ingredientes aplicados para conservação das qualidades da pele, continham substâncias venenosas, visto serem confeccionados por perfumistas e não por farmacêuticos. Eram prejudiciais, portanto, visto que, obstruindo os orifícios da pele, impediam que a respiração cutânea se fizesse. Acrescentavam que as essências com que eram combinados resultavam igualmente prejudiciais, pois causavam alteração do olfato, excitavam os fenómenos nervosos, e, no fim de contas, nada concorriam para a conservação da

A atriz cinematográfica Elisabeth Allan não teve a menor hesitação em sujeitar-se às experiências do mestre Dawn que, por meio de tintas especiais, se dispôs a transformá-la por completo.

Ficará mais bela ainda?

Sabe-se que Dawn pode mudar completamente, no curto praso de uma hora, o tipo de qualquer pessoa — e isso basta para que a vedeta, sempre insatisfeita, deseje transfigurar-se num verdadeiro dc beleza.

Pelo visto, as operações de Jack Dawn não são dolorosas... mas que o fôssem? Não haveria mulher que, para tornar-se mais bela, hesitasse em sujeitar-se às piores torturas.

Há tempos, a escritora Maryse Choisy levou o seu capricho a mandar cortar os seios. No seu livro "Un mois chez les hommes", descreve essa operação bizarra e acaba por dizer com uma ingenuidade encantadora:

"Para fazer a minha viagem ao Monte Athos tive de cortar rentes os meus cabelos. Quando os vi cair aos golpes da tesoura do meu cabeleireiro, tive mais pena dêles do que dos meus seios!"

É assim essa mulher caprichosa — e tôdas as mulheres são mais ou menos assim.

No dia em que fizessem crêr a qualquer mulher que, para ficar mais bela, deveria cortar os braços, a Vénus de Milo passaria a ter mais uma perigosa concorrente.

Se para dar viço à pele é necessário pôr uma máscara de lama ou de qualquer substância repugnante, para que vacilar?

A arte da beleza foi de todos os tempos — e há-de continuar na sua marcha triunfal enquanto o mundo fôr mundo.



beleza. Receitavam, então, vários ácidos, adstringentes, bálsamos, resinas, etc., salientando que tais ingredientes não deviam ficar muito tempo em contacto com a pele. A sua acção poderia ser tónica, embora momentânea.

Êstes médicos passaram com os seus doutos conselhos, como passaram também as tradicionais botas de elástico. Hoje, em dia, são os mais distintos farmacêuticos que apresentam os mais extraordinários produtos de beleza que um sábio engendrou no mistério impenetrável do seu laboratório.

E, como se não bastasse, aparece agora o escritor Jack Dawn, encarregado da secção de maquilhagem dos studios da Metro Goldwin Mayer, em que têm feito verdadeiros prodígios. No seu atelier trabalha confeccionando máscaras que servem para a criação das suas personagens



A arte de embelezar o rosto vem de há tantos séculos que seria difícil fixar-lhe a verdadeira origem.

O célebre médico Criton, que teve a honra de velar pela saúde do imperador Trajano, deixou escrito o famoso "Tratado dos Cosméticos", que ficou traduzido em grego, latim e egípcio. Êste livro estava dividido, segundo a afirmação de Galêno, em quatro partes que compendiam os ensinamentos de Arquígenes, da rainha Cléopatra e de Heráclides de Tarento. A primeira parte tratava dos cabelos e da pele; a segunda, dos banhos e perfumes a adoptar; e a terceira e a quarta, das alterações e doenças que prejudicavam a beleza. Não pensem, portanto as elegantes de hoje que a arte de enfeitar o rosto é pouco menos moderna do que elas próprias. Isto foi de todos os tempos.

Segundo Juvenal, Roma tinha nos seus ginásios e balneários um grupo seleccionado de escravas encarregadas da *toilette* das matronas, e que, por isso mesmo, se chamavam *cosmétrias* ou *ornatrices*. Havia as *depilartistas* que tiravam os cabelos, as *cinoflones* que pintavam e frisavam os cabelos, as *picatrices* que o limpavam, as *psecasias* que tratavam das essências, as *dropecistas* que tratavam das mãos e dos pés, as *caloptrices* que seguravam os espelhos, as *apreciadoras* que dirigiam a operação, e as *lorarias* que distribuíam as chicotadas que o capricho da matrona mandava dar à escrava que a arrepelasse ou se enganasse em qualquer das funções a seu cargo.

47

Para a tarde vestido em «jersey» de seda
etc. que se presta admiravelmente aos «dra-

Como aperitivo nada ha de mais reconhecido do que a raíz de genciana, pôe-se uma raiz

Estava na época das praias, dessa época em que a moda impõe tanto à mulher como o homem o banho de sol e portanto a pele tostada pelo calor e pela areia.



ar em grande mente, e se mata o dia e no m
 lemento, suporle a acção da ur e do ar. A
 que mudas do sol, a fim do mal estar que pro

de coisa nenhuma

Festas de caridade

NO JARDIM DA ESTRELA

A comissão de senhoras da nossa primeira sociedade que, nos dias 27 e 28 de Junho último, realizou no Jardim da Estrela, à tarde e à noite, um festival de caridade a favor da Obra de Assistência aos Pobres Doentes, pede-nos a publicação do resumo da receita e despesa da mesma festa.

Receita: bilhetes de entrada — 17 e 28, dia e noite — 11\$50; aluguer de cadeiras — 1\$; assistir aos diversos espectáculos — 26\$585; receita das diversas barracas de comidas, bebidas, café, loções, livros, burricos, ginkana, rifas e percentagem na venda de gelados — 3012\$05; esmolas diversas — 620\$00, resultando um total de 9.907\$40.

Despesa: — Transporte de mesas, barracas, cadeiras, etc. — 341\$00; salários aos guardas do jardim, e diversos, e vencimentos dos policas — 760\$00; contribuições, licenças camararias, licença da Sociedade de Autores e Inspeção de Teatros — 382\$40; instalação electrica — 1.300\$00; consumo de energia electrica — 200\$00, música da marcha do rancho da Madragão e honorários do Indiano — 500\$00, transporte de cantadores de fado, despesas diversas de papelaria, cervejas, vinhos e outros produtos para as barracas de venda — 937\$75, resultando um total de 4.421\$15. Saldo líquido — 5.486\$25.

FESTA ELEGANTE

Como era de prevêr, revestiu extraordinário brilhantismo e elegância, a festa que os cronistas mundanos e nossos colegas de trabalho, Carlos de Vasconcelos e Sá e Carlos da Mota Marques, realizaram na esplanada do «Retiro da Severa» na noite de terça-feira 14 de julho último, em cujo programa tomaram parte as notáveis artistas Adelina Fernandes, Maria Albertina e Maria do Carmo Tôres, que mais uma vez tiveram ocasião de evidenciar os seus méritos artísticos, e Maria Luiza, Margarida Pereira, Alfredo Marceneiro, Filipe Pinto, Alberto Costa José Porfírio, e Júlio Proença, que como sempre, marcaram como cultivadores da «Canção Nacional», a pequena Maria Aliete Rodrigues Moreira, a «Laurinha do Rádio Peninsular» e as estreantes Carmen Santos e Natália dos Anjos, às quais a selecta assistência não regateou aplausos, bem como aos distintos artistas Armandoinho, José Marques, Santos Moreira, Alberto Corrêa, Alfredo Costa, solista de viola, e Armando Pereira, o «Charlot do Porto» que, ao terminar os seus números, foram vibrantemente aplaudidos.

Nos intervalos dos vários números do programa houve baile que foi abrilhantado pela eximia orquestra «jazz-band» Gounod.

Na assistência a esta festa recorda nos ter visto, entre outras, as sr.^{as} D. Pepita Teixeira Soares, viscondessa de Tojal, D. Maria Madalena Trigueiros de Martel Patrício, D. Filipa de Sá Pais do Amaral Coelho, D. Josefina Moraes de los Rios Frois e filhas, D. Silvia Belfort Cerqueira Street, D. Etelvina de Sousa Falcão, D. Maria Joana de Brito e Abreu Portugal, D. Atanazia de Brito e Abreu Crow, D. Maria Joana Rino Frois Mouzinho de Albuquerque, D. Maria das Dóres Silva Monteiro, D. Judit Barbosa Cohen e filha, D. Laura Mendes de Almeida Ivens Ferraz e filha, D. Adelaide Atouguia Roque da Fonseca, senhora do dr. Jorge Falcão, D. Palmira da Costa e Silva, D. Maria Primitiva Fernandes Muños e filha, D. Conchita Marin, D. Fanni Fonseca D. Maod de Mendonça, D. Carmen Turnes, D. Izilda de Vasconcelos Salgado e filha, senhora de Francisco Vinhas, D. Jacinta Gomes Barbosa e filha, D. Maria Izabel de Castro e Almeida, D. Maria Rosa Dantas Rodrigues dos Santos, D. Maria de Lourdes Moreira de Campos, D. Maria Amélia Rodrigues de Carvalho, D. Fernanda Pereira de Lacerda Pinto de Lima, D. Maria da Paz Lopes Batalha, D. Marieta Bernaud Caiola, D. Albertina Pimentel de Vasconcelos e Sá e filhas, D. Maria Dora Costa, D. Alice Lopes de Almeida Smit, senhora de Carlos Moutinho de Almeida e filhas, D. Adelina Diniz de Almeida, D. Alda Ferreira Soriano e filha, senhora do dr. Campos Coelho, D. Maria da Conceição Paraizo Mourão, D. Alda

Aguiar Santos Gomes, D. Maria Geada Correia Marques, D. Germina Borges de Carvalho Rombert, D. Adélia Borges de Carvalho, D. Izabel Lallemant de Figueiredo, D. Branca Soares Branco, D. Otelinda Chaves de Carvalho, senhora de Nicolau Cardoso e filha, D. Maria de Almeida da Mota Marques, D. Paulina Clemente Pinto, D. Zina Pombo da Ponte e Souza, D. Laura

dos noivos, que no fim da missa fez um brilhante alocução.

Finda a cerimónia, foi servido no salão de meia da elegante residência, um finíssimo lanche, partindo os noivos, a quem foram oferecidas das grande número de valiosas e artísticas prendas, para a quinta da Torre de Santo António, em Tôres Novas, onde foram passar a lua de mel.

Na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria do Carmo Pereira de Mendonça, interessante filha da sr.^a D. Maria do Carmo Pereira de Mendonça e do sr. dr. Marçal de Mendonça, com o sr. Carlos Vinhas Júnior, filho da sr.^a D. Joana Palanque Vinhas, já falecida, e do sr. Carlos Vinhas, servindo de madrinhas, as sr.^{as} D. Palmira Machado da Cruz e D. Maria Vinhas da Conceição, tia do noivo, e de padrinhos o avô do noivo sr. Manuel Pereira Madeira e o pai do noivo O acto foi presidido pelo prior da freguesia, reverendo António de Oliveira Reis, que, no fim da missa, fez uma brilhante alocução.

Durante a cerimónia, um quarteto dirigido pelo professor Libório, executou vários trechos de música sacra. Na elegante residência dos pais da noiva foi servido um finíssimo lanche de pasteleria «Versailles», seguindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas, para o norte, em automóvel onde foram passar a lua de mel.

— Presidido pelo prior da freguesia de Santos o Velho, reverendo Francisco Maria da Silva, que no fim da missa, fez uma brilhante alocução realizou-se na capela da quinta de Mil Flores, propriedade dos tios da noiva, sr.^a D. Gabriela Lamayer de Aragão Moraes Carneiro e do sr. Jerônimo José Carneiro, o casamento da sr.^a D. Maria Emília Carneiro Neto Rebelo, gentil filha da sr.^a D. Alice Carneiro Rebelo e do sr. José Filipe Neto Rebelo, com o sr. Joaquim de Macedo Barros, filho da sr.^a D. Adelina Macedo Barros e do sr. José Afonso de Barros, já falecido, tendo servido de madrinhas a tia da noiva sr.^a D. Gabriela Lamayer de Aragão Moraes Carneiro, e a mãe do noivo, e de padrinhos os srs. Jerônimo José Carneiro, tio da noiva, e Manuel Macedo Barros, irmão do noivo.

Acabada a cerimónia, foi servido no salão de mesa do palacete da Quinta de Mil Flores, um lanche, partindo os noivos para Leiria.

D. Nuno.



Casamento da sr.^a D. Ivone Sousa Barata com o sr. Armando de Freitas: Os noivos à saída da igreja

(Foto Melo)

«A REVOLUÇÃO DE MAIO»

O Minho — o jardim de Portugal — deu ao filme «A Revolução de Maio» a beleza da sua inesgotável paisagem, a formosura das suas mulheres, o pitoresco dos seus costumes, a cor e o movimento das suas danças.

E porque se trata duma passagem da História Pátria, que nesta produção nos apresenta a primeira década sob a égide do Estado Novo, ficam bem nesta produção cinematográfica todos os motivos que fazem do nosso país razão de encantamento de naturais e estrangeiros. Soube António Lopes Ribeiro, que está dirigindo os trabalhos de «A Revolução de Maio» escolher muito bem os pontos que mais podem interessar a quem deseja conhecer Portugal e aperceber-se da alegria do seu povo, da firmeza do seu carácter, e de quanto faz para o tornar cada vez mais lindo e melhor.

O Minho todo verde, a confundir-se no azul do céu, com os seus cantares, com os seus bailes, com a graça das suas mulheres é um quadro onde os nossos olhos não se cansam de rever quanto Portugal é belo!



DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.^a ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Seguer (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinhã; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Dicionário do Charadista, de A. M. de Sousa; Fábula, de Chompté; Adágios, de António Delicado.

IMPRENSA

Publicações recebidas

Gazeta — de Ponta Delgada. — Com regularidade, temos recebido a gentil visita deste tri-mensário, em que o ilustre confrade Costa Oliveira — **Calos** — continua, brilhante e inteligentemente, a dirigir a sua secção **Edipismo**, que se apresenta com óptima colaboração e é, nas ilhas, um dos melhores baluartes de defesa e propaganda do Charadismo. Gratos pela remessa dos exemplares e as nossas desculpas pela ingratidão da tardia referência, a que tinha jus.

O Charadista — de Lisboa. — Foi dado recentemente à estampa mais um número do órgão oficial da Tertúlia Edípica — o 66 — que se apresenta com vasta colaboração em prosa e verso, firmada pelos mais distintos ornamentos do charadismo brasileiro e nacional. Dá-nos ainda, em princípio, os resultados da 4.^a etapa do C. I. C., notícias várias, «Carta de Lisboa», do nosso distinto confrade **Jofralo** — velho puladino do charadismo —, e apresenta duas novas secções, destinadas, como todas as iniciativas da T. E., a êxito e agrado certos: **Palavras cruzadas enigmáticas**, interessantíssima pela originalidade, e **Xadrez**, que vai fazer as delícias dos xadrezistas habituais leitores de **O Charadista**. É esta uma iniciativa de Incontestável mérito, que tem ainda a valorizá-la a doura cooperação de um dos mais distintos xadrezistas portugueses — o dr Mário Machado. A inteligente Direcção da T. E. gostosamente apresentamos as nossas felicitações.

Deca — do Rio de Janeiro. — Recebemos, por intermédio da Tertúlia Edípica, os n.ºs 11 e 12 desta esplêndida revista charadística brasileira, órgão e propriedade do **Deca**, superiormente dirigida pelo confrade Oscar Costa — **Cartos** —, a cuja pena se deve o interessante e oportuno artigo «Não brasileiros», a propósito da ideia da realização do I Congresso Charadístico em Lisboa, publicado em fundo no n.º 12.

Recheado de colaboração de confrades brasileiros e portugueses, **Deca** é um belo documentário charadístico, digno de ser conhecido e colaborado por quantos ao charadismo se dedicam.

Brados do Alentejo — de Extremoz, inserindo a sua habitual secção charadística **Colunas de Édipo**, sob a direcção de **Caçador**, e **Jornal de Elvas**, em que **Sopmac** continua a orientar **Cantinho de Édipo**.

A todos, os nossos agradecimentos.

APURAMENTOS

N.º 54

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

KOSSOR

N.º 20

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

LORD X

N.º 24

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 22, Efonse; n.º 4, Veiga; n.º 25, Miss Diabo; n.º 5, Chim Pan Zé; n.º 19, To-My.

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 27 pontos

Alfa-Romeo, Frá-Diávo, Cantente & C.^a, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Tan.

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 63

QUADRO DE MÉRITO

Silva Lima, 24. — Ti-Beado, 24. — Capnã Terror, 22. — Salustiano, 20. — Rei Luso, 20. — Só-Na-Fer, 19. — Só Lemos, 19. — Sonhador, 19. — João Tavares Pereira, 18. — Lamas & Silva, 17. — Salustiano, 17.

OUTROS DECIFRADORES

Elsa, 11. — D. Dina, 10. — Lisbon Syl, 10. — Aldeão, 9.

DECIFRAÇÕES

1 — Remo-moer-remoer. 2 — Rela-lapso-relapso. 3 — Cava vale-cavalo. 4 — Passapé. 5 — Sôbrio. 6 — Floresta. 7 — Meada. 8 — Ababalhos. 9 — Monomaquia. 10 — Alfama-alma. 11 — Pechincha-pecha. 12 — Gebreira-gera. 13 — Falado-fado. 14 — Pião-pio. 15 — Bofia-boia. 16 — Lixa (LÁ tem nove (IX) no meio). 17 — Alar-largar-alargar. 18 — Tacha-chada-tachada. 19 — Abra-brasa-abrasa. 20 — Maldito. 21 — Pasmoso. 22 — Cuidado-cuido. 23 — Opaco-ôco. 24 — Olhador-odor. 25 — Cativo-cavo. 26 — Denodo-dedo. 27 — Do mal o menos.

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

1) A *arrogância* de muita mulher desaparecia com um simples «*esfrega*» de casas — e não haveria tanta menina *orgulhosa*... (2-2) 3.

Lisboa

Mad Ira

2) *Agora, a regra do discurso*. (2-2) 3.

Lisboa

Mefistófeles

NOVISSIMAS

3) Fui a um *território* que forma o *domínio* de um *duque* e vi um homem *arrogante* com uma *moeda austro-húngara* de ouro. 3-4.

Luanda

Dr. Sicascar (L. A. C.)

4) É uma *desgraça* para aquele que «*cai*» no *terreno onde se não permite caçar*. 2-1

Leiria

Magnele (L. A. C.)

SINCOPADAS

5) Homem *ligeiro*, homem *verdadeiro*. 3-2.

Leiria

Magnele (L. A. C.)

6) É *bazófia* dizerem que eu já *namoro*... 3-2.

Tramagal

Padre Matos

TRABALHOS EM VERSO

ENIGMA

7) — Se a cento e um
Uma «nola» juntar,
Azete de peixe
Há-de ver segregar.

Luanda

Ti-Beado

TRABALHOS DESENHADOS

13) ENIGMA FIGURADO



Lisboa

Micles de Tricles

LOGOGRIFO

(A propósito da crise em Angola)

Agradecendo muito penhorado
ao ilustre charadista angolense «Efonse»

8) O Império Colonial!
Diz-se, e alegre o coração.
Mas no comércio local,
Pioneiros do sertão,
Que *desânimo* fatal! — 5-3-6-4

A borracha não se extrai;
Não salva o frete. É o café

Vai pelo mesmo *caminho*. — 3-4-2-7
Jaz na Alfândega, não sai...
É o tendeiro de má fé
Vende chicória ao povinho.

O arroz, não vindo em casca,
Não pode aqui *agradar*; — 2-4-7-3
Certo grémio ganhou-lhe asca
Nem o deixa despachar!

O tabaco vem de Havana,
É o d'Angola está banido.
Vem o açúcar da cana
Mas com *desconto*... é sabido. — 2-7-3-1

O milho, enorme *riqueza*, — 4-6-3-4
Do Bié e de Benguela,
Não dá p'ro custo e despesa,
Mesmo com grémio-tutela.

Que há-de o comércio exportar?
Couros? Cera? Há cá demais
Gado, a manada? «É tramar» — 5-7-2-4
Marchantes continentais.

Em que há-de o *negro* fazer — 1-5-3-4
Dinheiro para o imposto?
Se o não tem põe-se a «mexer»
Muda de casa e de pôsto.

O comércio abre falência,
A agricultura definha.
Desalento, *decadência*:
Derrocada em toda a linha!

Lisboa

Sileno

MEFISTOFÉLICA

9) *Manifeste* o seu deeejo,
A *força* do coração...
Um *amplexo* com um beijo,
Que doce consolação! — (2-2) 3

Lisboa

Sodargil

10) A *lenda* conta (e tem assaz moral)
Que em Saint-Mirel, ou seja na Bretanha,
Sob uma rocha negra e colossal
Tesouro estava, com *ardil* ou manha. — 2

E que essa rocha, em noite de Natal,
Se deslocava até chegar ao rio,
Voltando então, depois, ao seu local,
Ficando um ano sem qualquer desvio.

Um camponês, *maluco*, quis ficar — 3
Com tal tesouro, que era dos Druidas;
E quando a rocha vê, no deslocar,
Na cova salta, em febres insofridas.

E fica tonto — tantas as riquezas! —
E tal demora tem que a rocha volta...
Esmaga o pobre sôfrego em grandes,
Que nem sequer um só gemido solta.

Assim castiga Deus os avaros,
Com seu poder enorme e justiciero!
E nem precisa usar quaisquer inventos;
E nem precisa ser um *feticeiro*.

Lisboa

Silva Lima (T. E. — L. A. C.)

11) Se me dessem *liberdade*, — 2
Com a minha graça em riste
Era a «*causa*», na verdade, 1
De não acabar o *chiste*.

Lisboa

Ulsi Ráfer

SINCOPADAS

12) O teu *rosto magro* indica
Só maus tratos e desgosto...
Quem usa o meu creme fica
Com outro modo — outro *rosto*... — 3-2

Lisboa

Miss Diabo

Tôda a correspondência relativa a esta secção
deve ser dirigida a LUIZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

FIGURAS E FACTOS

O XIV Pôrto-Lisboa em bicicleta



Realizou-se a difícil prova de ciclismo Pôrto-Lisboa, tendo sido considerado vencedor o famoso Triunfo que percorreu os 360 quilómetros em 11 horas 15 minutos e 23 segundos. Além deste celebrado corredor, batia também o record da prova, Helder, Ezequiel, Felipe de Melo e Aguiar Martins, tendo Casson, o melhor francês, sido classificado em 6.º lugar. As gravuras em cima representam Triunfo junto de José do Nascimento, um dos ases de 1911, e um aspecto da corrida. — Ao centro — Os escoteiros de Beja prestando homenagem aos Mortos da Grande Guerra.

Dr. Joaquim Manso



O novo livro do dr. Joaquim Manso, — «Pedras para a construção de um mundo» — constitui um verdadeiro acontecimento na vida literária portuguesa. O ilustre escritor mostra-se, como sempre, um prosador de arga envergadura que sabe burlar como poucos a língua portuguesa, e empolgar o leitor desde a primeira à última página, deixando apenas a mágoa de não ter mais dois ou três volumes.

Este livro, cuja edição foi dirigida pelo bom gosto gráfico de Luiz de Montalvor, honra o seu autor que pode ser considerado, sem favor, um dos mais cintilantes espíritos da nossa literatura.

Desde há muitos anos que admiramos o fulgurante talento deste homem de letras que, sem afrouxar a sua acção jornalística, consegue ser um conferencista notável, e produz ainda livros magníficos como este que publicou agora. Uma tal actividade é rara nos tempos que vão correndo, como raríssimo é encontrar-se quem saiba escrever entre milhares de analfabetos com pretensões inconcebíveis. Se o dr. Joaquim Manso teve a peregrina ideia de carregar «pedras para a construção dum mundo» melhor do que este em que vivemos, oxalá que a sua iniciativa seja coroada do maior êxito. Pelo menos, deu o seu exemplo de escritor modelar, e, só por isto, merecia ser imitado, a bem de todos, por quem pretender escrever.

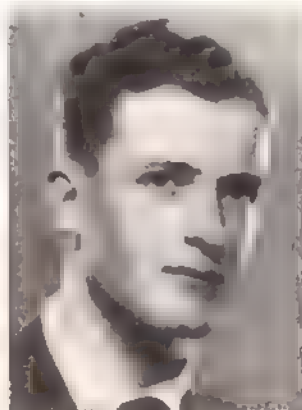
Dr. João de Barros



SUBORDINADO ao título «Um grande educador — João de Deus Ramos e a obra dos Jardins Escolas», o ilustre escritor dr. João de Barros acaba de publicar um *plaquette* em que enternecidamente enaltece a obra modelar do excelso autor da «Cartilha Maternal» que o seu filho tão magnanimamente soube consolidar.

Ao querido dr. João de Barros os nossos efusivos aplausos por mais esta encantadora obra que realizou.

Caetano Teixeira de Aragão



«A Mulher embalsamada» é o título duma curta novela que o sr. Caetano Teixeira de Aragão escreveu a propósito duma frase trocada com a impertinência duma senhora durante um jantar íntimo. Daí, a fantasia do poeta dos «Torvelinhos» fez o resto.

PIMIDE PESTA

Bridge

(Problema)

1 spadas — — — —

Copas — A, 8, 7, 6

Ouros — D, 7

Paus — R

Espadas — 6

Copas — — — —

Ouros — 9

Paus — V, 9, 8, 7, 3

N

O

E

S

Espadas — 10, 2

Copas — 5

Ouros — 4

Paus — D, 10, 2

Espadas — 9, 8

Copas — R, D, 10, 4

Ouros — 8

Paus —

Trunfo é ouros. S joga e faz 6 vasas.

Solução do número anterior.

S joga o 10 de copas, N joga o Valete de copas e joga depois o Rei de copas, baldando-se S ao 9 de ouros.

N joga 8 de copas e S balda-se a Valete de ouros.

N joga o 6 de ouros, E entra com o 7 de ouros e faz vasa sendo obrigado a jogar espadas para debaixo de N que assim fará as quatro cartas de espadas.

Somas consecutivas

Solução

As somas das diversas partes em que o quadro fica dividido eram as seguintes: 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23.

Mudando o 7 para 4, já soma 20 em vez de 23, ficando portanto a série dos números, seguindo sem interrupção.

Ventriloquia Antiga e moderna

Muitas pessoas julgam que a ventriloquia é uma arte que nenhum mortal, que não tenha dotes especiais, pode chegar a dominar, e todavia não existe semelhante coisa. Ventriloquo pode ser qualquer pessoa que tenha paciência suficiente para aprender a arte e a praticá-la bastante.

Toda a questão se resume em enganar o ouvido. Na realidade, o que o ventriloquo tem que aprender é apenas o falar sem mover os lábios e saber distrair a atenção dos ouvintes.

O falar com o estômago é uma tolice do povo, pois ninguém pode articular sons senão com a laringe.

Os sacerdotes do antigo Egipto empregavam muito a ventriloquia para formularem os seus oráculos.

O homem luminoso

A imprensa estrangeira consagrou, o ano passado, muitos e longos artigos ao caso de um carteiro de Salónica, Anastácio Economos, cujo corpo emitia raios luminosos tão fortes que iluminavam um quarto escuro onde ele entrasse.

O presidente da Sociedade das pesquisas, M. Tanagras, interrogado pelos jornalistas, declarou que não poderia pronunciar-se sobre o assunto sem ter examinado cientificamente o carteiro em questão; mas acrescentou que o fenómeno, todavia, não era raro, e lembrou o caso do estudante Panajotti Conlumbaki que acendia uma lâmpada eléctrica simplesmente esfregando-o nas mãos. O químico Dossis que submetera Columbaki a um exame assegurou que se tratava duma força dinamico-eléctrica latente no corpo daquele estudante.

M. Tanagras referiu-se também ao caso duma doente em tratamento numa clínica de Monaro (Itália) que em cada crise da enfermidade de que sofria, emitia raios luminosos do seu peito.

O apetite das aranhas

O célebre sábio inglês, sir John Lubbock, bem conhecido pelos seus curiosos trabalhos sobre os insectos, publicou uma vez o resultado dos seus estudos com respeito às aranhas.

Depois de ter pesado vários desses insectos, antes e depois das suas refeições, eis a conclusão a que chegou o notável homem da ciência.

Com um peso relativamente igual, um homem adulto, para comer a mesma quantidade que uma aranha, teria de engulir dois bois inteiros, treze carneiros, uns dez porcos e quatro barricas de peixe, e tudo isto em vinte e quatro horas.

Em vista disto, não devia dizer-se uma fome canina, mas sim uma fome de aranha.

Até 1850 não se conheciam os pardais nos Estados Unidos. Nesse ano, o Brooklyn Institute, querendo sem dúvida prestar um grande ser-

viço à agricultura americana, fez ali a sua introdução.

Fundaram-se sociedades para facilitar a sua propagação por meio de ninhos artificiais, e a primeira expedição seguiram muitas outras, até que, em 1870, os pardais estavam espalhados por todo o vasto território americano e em tal numero que se chegaram a temer os seus estragos.

4	8	4
8	0	8
4	8	4

Ilão de notar que os números acima somam, ao todo, 48, enquanto as linhas de fóra somam de cada lado, 16.

Trata-se de dispor os números de modo que a soma total de 48 não seja alterada, mas que as linhas de fóra fiquem somando, de cada lado, 20 números.

— Minha filha mais nova, que tem 25 anos, tem trinta contos de dote; a outra, que tem 30 anos, há-de ter quarenta e cinco contos.

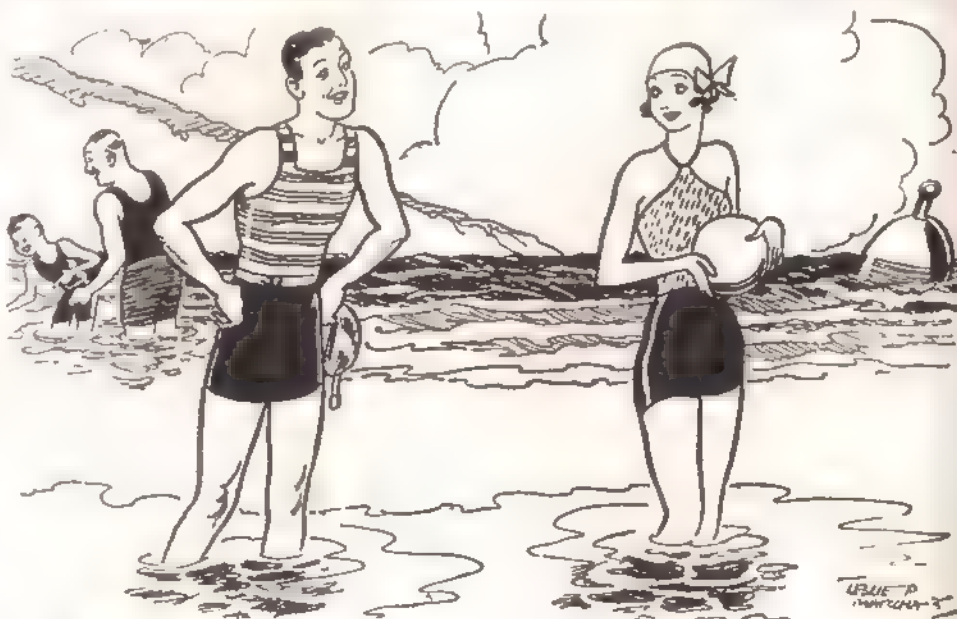
— E não tem nenhuma que conte 40 anos?...

Ela: — Enfim, o que tens tu que dizer a essa tal D. Eugénia?

Ela: — Simplesmente que é uma mulher de sessenta anos que parece ter cinquenta, que imagina ter quarenta, que veste como uma mulher de trinta e que se comporta como se tivesse vinte.

A irmã solteira: — O quê? tu convidas as Cardosas essas intriguistas, essas más línguas, essas papa-jantares?

A irmã casada, concluindo a carta: — «Minha irmã associa-se comigo para lhe exprimirmos toda a sorte de amabilidades.



Ele: — Não me deixa ensiná-la a nadar?

Ela: — Obrigada, mas não é necessário, eu já sei nadar.

Ela: — Ah! então, nesse caso, importava-se de me ensinar a mim?

(Do «The happy Magazine»)

E' a de Santo Amaro de Oeiras a praia que prefere?

Compare o que lhe custa uma viagem isolada e o que lhe custa a mesma viagem com assinatura em séries de 52 viagens, que podem ter início em qualquer dia do mês.

2.ª classe 3.ª classe
1 viagem isolada de ida e volta custa..... 8\$05 5\$35

A mesma viagem de ida e volta custa aos possuidores de

1 cartão para 28 viagens válido por 1 mês...	6\$24	4\$07
2 cartões » 52 » válidos por 2 meses	5\$74	3\$76
3 » » 78 » » » 3 »	5\$26	3\$44
4 » » 104 » » » 4 »	4\$86	3\$17

Se fôr a Santo Amaro de Oeiras com assinatura

28 vezes num mês....	ECONOMISA	47\$30	33\$35
52 » em 2 meses.	ECONOMISA	119\$80	83\$05
78 » » 3 »	ECONOMISA	21\$785	149\$30
104 » » 4 »	ECONOMISA	33\$250	226\$80

Sendo passageiro de 2.ª classe, se fôr a Santo Amaro de Oeiras mais de

21 vezes num mês....	} Compre uma assinatura
38 » em 2 meses.	
51 » » 3 »	
63 » » 4 »	

Sendo passageiro de 3.ª classe, se fôr a Santo Amaro de Oeiras mais de

20 vezes num mês....	} Compre uma assinatura
37 » em 2 meses.	
51 » » 3 »	
62 » » 4 »	

Dirija-se à Estação do Caminho de Ferro no Cais do Sodré se pretender mais esclarecimentos

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

Banhos de agua termal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulveriza-
ções, etc. — — — —

FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS

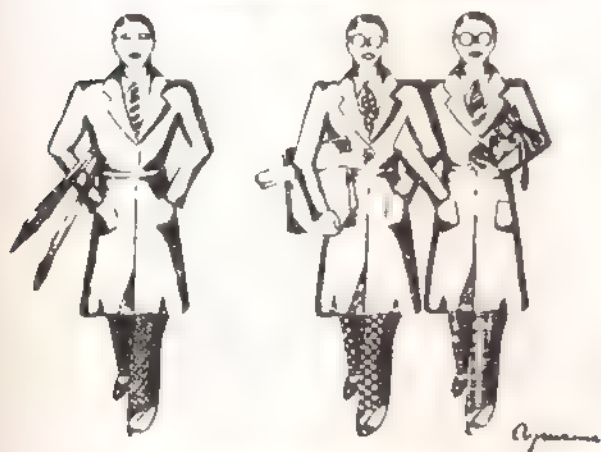


Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

GRAVADORE/

IMPRESSORES



TELEFONE
2 1304

BERTRAND IRMÃOS, L.^{DA}

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

O que há no vosso Horoscopo

Deixai-me vo-lo dizer
Gratuitamente

Não desejaria saber sem que nada lhe custe, o que indicam as estrelas relativamente ao seu futuro; em que será feliz, em que terá bons êxitos, o que lhe trará a prosperidade, o que se refere aos seus negócios, a casamento, a amigos; a inimigos; a viagens; a doenças; a períodos de sorte e de azar; a catástrofes a evitar; a oportunidades a aproveitar, a novas empresas e a muitas outras coisas de indiscutível interesse para si? eis aqui uma ocasião para obter uma Leitura Astral da sua vida, ABSOLUTAMENTE GRATUITA

GRATUITAMENTE

A vossa leitura astral que não constitui nada menos do que duas páginas dactilografadas ser-vos-há enviada imediatamente, pelo grande Astrólogo, as predições do qual despertam o interesse nos dois continentes. Deixai que vos revelem, gratuitamente, factos espantosos que podem mudar o curso da vossa vida e trazer-vos o sucesso, a felicidade e a prosperidade.

Basta que escreva o seu nome e a direcção completos e legíveis, dando ao mesmo tempo a sua data de nascimento e dizendo se é Sr. ou Sr.ª (casada ou solteira?). Não precisa mandar dinheiro, mas se quiser pode incluir 2\$50 para cobrir as despesas de porte e de expediente. Não guarde para amanhã. Escreva já. Endereço: ROXROY STUDIOS, Dept. 6602C, Emmas-grant 42, A Haia, Holanda. Selo para Holanda Esc. 1\$75.

N.º 1. — O Prof. Roxroy é tido em grande estima pelos seus numerosos clientes. É o mais antigo e conhecido de todos os Astrólogos do continente, pois há mais de 20 anos que vive e trabalha no mesmo lugar. A confiança que se lhe pode dispensar é garantida pelo simples facto de todos os trabalhos, pelos quais lhe pede remuneração, serem feitos sob condição de satisfação completa ou reembolso do dinheiro pago.



Professor ROXROY
O eminente Astrólogo

À VENDA

PENSADORES BRASILEIROS

PEQUENA ANTOLOGIA

POR CARLOS MALHEIRO DIAS

Índice: Prefácio — Gilberto Amado — Ronald de Carvalho —
Baptista Pereira — Azevedo Amaral — Gilberto Freyre —
Frisão de Ataíde — Plínio Salgado

1 volume brochado . . . **8\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Acaba de aparecer a 3.^a edição

BERNARDES

DA ANTOLOGIA PORTUGUESA

Organizada pelo Dr. AGOSTINHO DE CAMPOS

2 volumes de 274 págs. cada um, broch. Esc. 24\$00

Pelo correio à cobrança, Esc. 27\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Um romance formidável!

SEXO FORTE

por SAMUEL MAIA

3.^a ed. Este romance de Samuel Maia, dum vigoroso naturalismo, forte no desenho dos caracteres e na mancha da paisagem beirã dada por largos valores, estuda a figura de um homem, espécie de génio sexual (na expressão feliz do neurriatra Tanzi), de cujo corpo parece exalar-se um fluido que atrai, perturba e endoidece todas as mulheres. Com o **SEXO FORTE** Samuel Maia conquistou um elevado lugar entre os escritores contemporâneos — *Júlio Dantas*.

1 volume de 288 páginas, broch. . . . **10\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda a 5.^a edição dos

Motores de Explosão

(COMBUSTÃO INTERNA)

pelo Engenheiro ANTÓNIO MENDES BARATA

Edição actualizada, tratando de todos os tipos de motores Diesel, e apresentando alguns tipos de novos carburadores. Este volume faz parte da magnífica Biblioteca de Instrução Profissional.

1 vol. de 516 págs. com 490 gravuras, encadernado em percalina
Esc. 30 00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bêbé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.^a Sára Benoit e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado

6\$00

Deposítaria
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25\$00**

DEPOSITÁRIA

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

PSICOPATOLOGIA CRIMINAL CASUIDICA E DOCTRINA

Pelo **Prof. SOBRAL CID**

Doutor em medicina pela Universidade de Coimbra Prof. de Psiquiatria na Universidade de Lisboa

Prefácio do **Prof. Azevedo Neves**

1 vol. de 238 pág., formato 23 > 15, broch. Esc. 25\$00 Pelo correio à cobrança Esc. 27\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 LISBOA

Um livro aconselhavel a toda a gente



A SAÚDE A TROCO

de um quarto de hora de exercicio
por dia

O MEU SISTEMA

POR J. P. MÜLLER

O livro que mais tem contribuido
para melhorar fisicamente o homem
e conservar-lhe a saúde

O tratado mais simples, mais ra-
zoavel, mais pratico e útil que até
hoje tem aparecido de cultura fisica

Eficaz e benemérito

verdadeira fonte de saúde e de bem
estar fisicos e morais

1 vol. do formato de 15×23 de 126 págs., com
119 gravuras, explicativas, broch. . . . 8\$00

pelo correio à cobrança 9\$00



Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



Um grande sucesso de livraria

DONA SEM DONO

Romance de Samuel Maia, o consagrado autor do "Sexo Forte"

1 vol. de 320 pags., com uma sugestiva capa a cores, broch. Esc. 12\$00;
encad. Esc. 17\$00; pelo correio à cobrança mais 1\$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS
DE
JÚLIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00;	
br.	8500
— (1. ^a edição), 1 vol. br.	15\$00
ALTA RODA — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5. ^a edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ARTE DE AMAR — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5. ^a milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
CARTAS DE LONDRES — (2. ^a edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CONTOS — (2. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS — (2. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	15\$00
FLES E ELAS — (4. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ETERNO FEMININO — (1. ^a edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
EVA — (1. ^a edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6. ^a edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROÍSMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Confêrências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5. ^a edição), 1 vol. Enc. 17\$50; br.	12\$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPIRITO — (Confêrência), 1 fol.	2\$00
UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Confêrência), 1 fol.	1\$50

POESIA

NADA — (3.^a edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. 6\$00
SONETOS — (5.^a edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br. 4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2. ^a edição), 1 vol. br. ...	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3. ^a edição), 1 vol. br. ...	3\$00
CASTRO (A) — (2. ^a edição), br. ...	3\$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27. ^a edição), 1 vol. br. ...	1\$50
CRUCIFICADOS — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ...	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÓA — (5. ^a edição), 1 vol. br. ...	3\$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ...	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3. ^a edição), 1 vol. br. ...	2\$00
MATER DOLOROSA — (6. ^a edição), 1 vol. br. ...	3\$00
1023 — (3. ^a edição), 1 vol. br. ...	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5. ^a edição), 1 vol. br. ...	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3. ^a edição), 1 vol. br. ...	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5. ^a edição), 1 vol. br. ...	2\$00
REI LEAR — (2. ^a edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. ...	9\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3. ^a edição), 1 vol. br. ...	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10. ^a edição), 1 vol. br. ...	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 12\$00; br. ...	6\$00
SEVERA (A) — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ...	8\$00
SOROR MARIANA — (4. ^a edição), 1 vol. br. ...	3\$00
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ...	8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ...	8\$00

Pedidos a

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 - LISBOA

**A obra mais luxuosa e artística
dos últimos tempos em Portugal**

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção
de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a cores e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a cores fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a cores e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fóra do texto e 576 dentro o que constitui um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA BIBLIOTECA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguezas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dorneias, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Moses Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00

" " " " **carneira 190\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

UMA OBRA QUE É UMA FORTUNA

LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

ENCICLOPÉDIA DOMÉSTICA

NOVA EDIÇÃO MUITO AMPLIADA

COLECÇÃO METÓDICA DE

7.113 RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM 200 GRAVURAS

Coordenação de SEAROM LAEL

O LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sobre todos os ramos profissionais e artísticos a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluídos conhecimentos de valia.

Obra de incontestável utilidade para toda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

são tratados todos os assuntos que muito interessam à vida pratica, como os referentes a:

Adorno de casa — Medicina prática — Maternidade
— Mobiliário — Jardinagem — Farmácia doméstica
— Géneros alimentícios — Lavagens — Colas —
Vernizes — Higiene — Conservas — Animais domésticos —
Perfumarias — Iluminação e calefação
— Couros e peles — Metais — Doçaria — Massas e cimentos —
Socorros de urgência — Trabalhos e passatempos — Rendas e bordados — Tintas —
Tecidos e vestidos — Estrumes e adubos, etc., etc., etc.

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

Um grosso vol. de 1.192 páginas, encadernado em percalina . . . **Esc. 30\$00**

Pelo correio à cobrança, **Esc. 33\$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Útil em tôda a parte



O Fogareiro Vacuum é sempre útil, tanto nas pequenas cozinhas, como nas de grande movimento.

Pela rapidez com que aquece, ferve, coze, frega e faz grelhados torna-se um acessório indispensável no mais completo trem de cozinha.

Só é Fogareiro Vacuum aquele que traz a marca VACUUM

FOGAREIROS VACUUM

USAR SEMPRE PETROLEO SUNFLOWER